

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Adriana Gonçalves Ferreira

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA VILA SANTA THEREZA EM
BAGÉ RS/BRASIL, A PARTIR DO AUDIOVISUAL E DAS AÇÕES DA
SOCIEDADE CIVIL**

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Adriana Gonçalves Ferreira

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA VILA SANTA THEREZA EM BAGÉ
RS/BRASIL, A PARTIR DO AUDIOVISUAL E DAS AÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira Padoin

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Gonçalves Ferreira, Adriana Gonçalves Ferreira
A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA VILA SANTA THEREZA EM BAGÉ
RS/BRASIL, A PARTIR DO AUDIOVISUAL E DAS AÇÕES DA
SOCIEDADE CIVIL / Adriana Gonçalves Ferreira Gonçalves
Ferreira.- 2020.
73 p.; 30 cm

Orientador: Maria Medianeira Padoin Padoin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2020

1. Patrimônio Cultural 2. Memória 3. Audiovisual 4.
Preservação 5. Vila Santa Thereza I. Padoin, Maria
Medianeira Padoin II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ADRIANA GONÇALVES FERREIRA GONÇALVES FERREIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Adriana Gonçalves Ferreira

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA VILA SANTA THEREZA EM BAGÉ
RS/BRASIL, A PARTIR DO AUDIOVISUAL E DAS AÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Aprovado em 27 de maio de 2020:

**Maria Medianeira Padoin, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)

Clarisse Ismério, Dr^a. (URCAMP)

Santa Maria, RS
2020

Dedicatória

As filhas: Eduarda, Maria Arlete, Sofia e Roberta, dedico esse trabalho.

Ao meu neto João da Silva de Leon, nascido em 22 de abril de 2020.

A todas as mulheres que enfrentam as responsabilidades de ser mãe, filha, companheira e profissional, que enfrentam a solidão do ser feminino diante de uma sociedade machista e ainda assim decidem seguir com seus sonhos.

A meu pai, André Rodrigues Ferreira, sua longevidade motiva esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho ocorreu, principalmente, pelo auxílio, compreensão e dedicação de várias pessoas. Agradeço a todos que, de alguma forma contribuíram para a conclusão deste estudo e, de uma maneira especial, agradeço:

- a minha orientadora, Professora Doutora Maria Medianeira Padoin, exemplo do ser feminino, por ser tudo o que se espera de uma orientadora, educadora, pelo entusiasmo, e pelo constante apoio para seguir adiante, qualquer pessoa, sob sua orientação é capaz de produzir uma dissertação;

- aos meus pais André Rodrigues Ferreira e Arlete Saturnina Gonçalves, pessoas simples que à sua maneira compreendem minhas buscas;

- ao meu companheiro Daniel, parceiro de todas as horas, que há vinte anos dividiu minha vida e meus dilemas;

- a amiga Professora Doutora Elaine Tonini (*in memoriam*), que me encorajou a ingressar no programa de mestrado e que, infelizmente faleceu antes de minha conquista;

- a amiga Doutoranda em Comunicação pela UFSM Helyna Dewes, produtora cultural da Unipampa, pelo fiel apoio incondicional em várias etapas de minha vida profissional e acadêmica;

- ao amigo Doutorando em Sociologia Lisandro Moura, meu companheiro de ativismo cultural e de candombe, sempre solícito em assuntos acadêmicos;

- ao colega Gustavo Andrade, por seus conselhos e boas conversas encorajadoras;

- a querida Lauriane da Rosa, bageense, estudante da UNIFRA, pelas sucessivas e agradáveis caronas durante o mestrado;

- a colega Débora Dornsbach Soares, pelo apoio na formatação do trabalho;

- as mulheres da Associação Pró Santa Thereza, coletivo o qual motiva esse trabalho;

- especialmente a Maria Luisa Teixeira da Luz que sempre acreditou em mim, que um dia me confiou à coordenação do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, sendo sempre, um exemplo de perseverança na luta pela preservação do patrimônio.

As leis não bastam, os lírios não nascem da lei.

(Carlos Drummond de Andrade, A Rosa do Povo).

RESUMO

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA VILA SANTA THEREZA EM BAGÉ RS/BRASIL, A PARTIR DO AUDIOVISUAL E DAS AÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

AUTORA: Adriana Gonçalves Ferreira
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a. Maria Medianeira Padoin

A presente dissertação procura demonstrar a importância do audiovisual na preservação da memória e do patrimônio. Para tanto, foi produzido um audiovisual da Vila de Santa Thereza em Bagé, RS, valorizando as ações da sociedade civil organizada e sua luta pela preservação desse patrimônio cultural. Apresenta um estudo que atenta sobre a comunidade que habita essa Vila e seus relatos através da oralidade capturada em formato de filme documentário. São os propósitos dessa pesquisa, no contexto da produção audiovisual, concebê-la em processo coletivo, protagonizando os próprios atores locais, através das práticas pedagógicas do projeto “inventar com a Diferença”, que une cinema, educação e direitos humanos, questões que assim como o patrimônio, estão presente em todo o lugar. Lança olhares sobre como a produção audiovisual pode ser considerada um artefato museológico, através do processo que consiste em sua construção, trazendo consigo uma história, preservada através dos tempos e representada em dispositivo audiovisual, também aciona a lembrança. O trabalho perpassa a trajetória da Associação Pró Santa Thereza, coletivo de mulheres voluntárias que protege o patrimônio e inspira formas de apontar paradigmas em sociedade, diante do contexto da hipermodernidade. Apresenta um traçado da história da Vila de Santa Thereza, que surge com a fundação de uma Charqueada ao final do século XIX, fundada em 1897 por um imigrante português chamado Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, até o momento em que acontece a resignificação do espaço e sua sobrevivência. O trabalho observa os moradores mais velhos, remanescentes da charqueada, percebendo a importância da memória individual e coletiva naquele espaço e seu reconhecimento como patrimônio. Na época, havia uma vida cultural e religiosa através das ações realizadas no Teatro Santo Antônio e na Capela de Santa Thereza D'Ávila, que faziam parte do complexo erguido em torno do negócio do charque. O ofício, a cultura e a religiosidade impulsionavam uma vida comunitária ativa, que dividia atenções com a cidade de Bagé, o Estado e o Brasil, até o encerramento do ciclo econômico do charque em 1960. A partir de então, após mais de 30 anos de esquecimento, esse espaço ressurgiu pelas mãos do árduo voluntariado dessa Associação.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Sociedade Civil. Preservação. Vila de Santa Thereza. Fronteira. Audiovisual.

ABSTRACT

THE PRESERVATION OF VILA SANTA THEREZA'S IN MEMORY IN BAGÉ, FROM AUDIOVISUAL AND CIVIL SOCIETY ACTIONS

AUTHOR: Adriana Gonçalves Ferreira
ADVISOR: Prof.^a Dr. ^a Maria Medianeira Padoin

This study aims to verify the importance of audiovisual in the preservation of memory and heritage. To this end, we study the village of Santa Thereza in Bagé RS, valuing the actions of organized civil society and its struggle for the preservation of this cultural heritage. Presents a study that is attentive to the community that inhabits this village and its report through the orality captured in documentary film format. It is the purpose of this research, in the context of audiovisual production, to conceive it in a collective process, leading the local actors themselves, through the pedagogical practices of the project "invent with Difference", which unites cinema, education and human rights, issues that, like heritage, are present everywhere. It looks at how audiovisual production can be considered a museum of memory. The work permeates the trajectory of Associação Pró Santa Thereza, a collective of voluntary women that protects the heritage and inspires ways of pointing paradigms in society, in the context of hypermodernity. It presents a trace of the history of Vila de Santa Thereza, which arises with the founding of a Charqueada at the end of the 19th century, founded in 1897 by a Portuguese immigrant named Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, until the signification of space and your survival. The work observes the main ingredients of charqueada, realizing the importance of individual and collective memory in that space and its recognition as heritage. At the time, there was a cultural and religious life through the actions carried out at the Santo Antônio and Santa Thereza D'Avila Chapel, which were part of the complex built around the jerked beef business. Work, culture, and religiosity drove an active community life that had attention with the city of Bagé, the State, and Brazil until the end of the charque's economic cycle in 1960. Thereafter, more than 30 years of oblivion, this space reappears at the hands of the arduous volunteering of this Association.

Keywords: Cultural Heritage. Civil Society. Preservation. Santa Thereza Village. Border. Audio-visual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Equipe durante a formação do projeto Inventar com a Diferença, no centro de Comunicação e Artes da Universidade Federal Fluminense em janeiro de 2014	14
Figura 2 - Mapa com a localização de Bagé	15
Figura 3 - Localização da Vila Santa Thereza, em Bagé, RS, Brasil	15
Figura 4 - Certidão de nascimento de Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães.....	25
Figura 5 - Antiga casa da Firma Magalhães, comércio de secos e molhados, onde atualmente é a Câmara de Vereadores de Bagé.....	27
Figura 6 - Capela de Santa Thereza D'Ávila, ao lado está o Teatro Santo Antônio, 1910.....	28
Figura 7 - Fragmentos da pintura Sacra, obra de Pedro Obino no teto da capela de Santa Thereza D'Ávila (Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Conceição), devido à depredação não foi possível restaurar a tela.....	30
Figura 8 - Ruínas Vila Santa Thereza, antigo casarão do Visconde, onde residia na Vila Santa Thereza	31
Figura 9 - Fotografia de Yerecê Belmonte Mógliã, 2001	32
Figura 10 - Projeto de revitalização, planta de localização- Arquiteto Flávio Kiefer ..	34
Figura 11 - Área revitalizada do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, memorial, capela e teatro	36
Figura 12 - Segunda turma do curso de Comunicação Social/Urcamp em 1996, Bagé	68

LISTA DE SIGLAS

CENARTE	Centro de Artes Maria de Lourdes Alcalde
FASE	Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul
FAT-Urcamp	Fundação Áttila Taborda-Universidade da Região da Campanha
INA	Instituto Nacional do Audiovisual
LIC	Lei Estadual de Incentivo à Cultura
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
UFF	Universidade Federal Fluminense
Unipampa	Universidade da Região da Campanha

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A HISTÓRIA DA VILA SANTA THEREZA	24
2.1	CAPELA DE SANTA THEREZA	29
2.2	DA CHARQUEADA AO CENTRO HISTÓRICO, A ASSOCIAÇÃO PRÓ SANTA THEREZA	30
2.3	A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E A VILA DE SANTA THEREZA	34
3	MEMÓRIA, AUDIOVISUAL E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ...	39
3.1	A MEMÓRIA DOS VELHOS	40
3.2	A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DOS PLANOS DO DOCUMENTÁRIO ...	44
4	PRODUTO AUDIOVISUAL	54
4.1	ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “VILA SANTA THEREZA”	54
4.2	FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO	63
5	CONCLUSÃO	65
	REFERÊNCIAS	69
	FONTES DOCUMENTAIS	71
	FONTES ORAIS	71

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto da experiência de projetos de extensão que participei ao longo de vinte anos: desde o ingresso nos cursos de Comunicação Social na Universidade da Região da Campanha, em 1996, a Pós-Graduação “Latu Sensu” em Comunicação e Educação e suas Interfaces, em 2004, também na Urcamp, bem como a formação continuada na Universidade Federal Fluminense em 2014, no projeto Inventar com a Diferença, que trabalha cinema e direitos humanos. Além das inúmeras atividades com a Universidade Federal do Pampa e o Instituto Federal Sul Rio-grandense, e especialmente com o trabalho de coordenadora do Centro Histórico Vila de Santa Thereza entre 2012 e 2018, em Bagé e as experiências no universo do cinema e do audiovisual.

Chegar à dissertação de Mestrado implica em uma caminhada acadêmica e profissional, cuja trajetória de experiências que vivi, envolvem produção audiovisual desde os 17 anos, quando fui presenteada com uma câmera Panasonic modelo M3000, ferramenta que muito me auxiliou no curso de graduação na Universidade. A linguagem documental conheci no primeiro semestre do curso de Comunicação, cujo projeto de extensão abordava a produção de um documentário sobre vida e obra de Áttila Taborda, fundador da FAT-URCAMP. Posteriormente, vieram vários trabalhos no meio acadêmico, além da comunicação, eu e minha câmera nos tornamos uma referência para realização de trabalhos na linguagem audiovisual para acadêmicos de outros cursos.

Na pós-graduação “Latu Sensu” em Comunicação e Educação e suas Interfaces, percebi a ferramenta pedagógica que é o fazer audiovisual. A diversidade de linguagens a serem trabalhadas com uma câmera como dispositivo, possibilitando compreender, muitas vezes o que é incompreensível, foi onde criei o “rap da modernidade”, trabalho de pós-graduação, com a proposta de apresentar a teoria da pós-modernidade, discutida nas disciplinas do programa em 2004. Percebi que, para entender e ensinar existe uma ferramenta reveladora, o audiovisual.

Na publicidade trabalhei por 11 anos, como diretora e roteirista. Mas as experiências humanas que a extensão me proporcionou me fizeram abandonar a publicidade, pois sentia certa contradição que provocava conflitos em meus pensamentos.

Vieram as experiências no cinema, autoria de curtas, trabalhos em produção e arte em longas, os mais significativos e interessantes para meu currículo foram o trabalho na equipe de arte do longa metragem “O Tempo e o Vento”, do diretor Jayme Monjardim e o documentário “A Grande Guerra”, para o canal History, onde assinei a direção de arte sobre este último, cujo tema foi sobre os 150 anos da Guerra do Paraguai, do diretor paulista Matheus Ruas.

Foi a experiência em projeto de cinema e direitos humanos da Universidade Federal Fluminense (UFF), que me despertou para as entrelinhas da produção audiovisual, relacionada a questões sociais voltadas a educação, memória e patrimônio. Cheguei a esse projeto através de uma seleção da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXT) da Universidade da Região da Campanha (Unipampa), cujas relações já eram estreitas através de projetos culturais onde fui parceira. A produtora cultural da Unipampa, Helyna Dewes recebeu o edital da UFF e enviou meu currículo, para participar de uma seleção no Estado do Rio Grande do Sul, onde iriam escolher apenas um profissional ligado ao audiovisual para receber a formação e atuar no RS.

O trabalho de audiovisual na Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Guayí¹, que eu havia realizado com jovens egressos do sistema prisional e da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE), sobre cidadania, direitos humanos e prevenção à violência, me levou a ser selecionada para o projeto “Inventar com a Diferença” da UFF.

¹ Significa “semente” no idioma Guarani.

Figura 1 - Equipe durante a formação do projeto Inventar com a Diferença, no centro de Comunicação e Artes da Universidade Federal Fluminense em janeiro de 2014



Fonte: Arquivo da Universidade Federal Fluminense

O trabalho de cinema e direitos humanos em escolas e comunidades da região de fronteira Brasil-Uruguai, que referencio no terceiro capítulo, revela conteúdos que destacam os seguintes temas: memória, audiovisual, patrimônio e preservação. Simultaneamente às experiências cinematográficas, me levam à coordenação do Centro Histórico Vila de Santa Thereza em Bagé, por indicação da Associação Pró Santa Thereza em 2012. Esse aprendizado que, cujo desfecho, chega até o tema desta dissertação, ou seja, que consiste na preservação da memória a partir do audiovisual e das ações da sociedade civil, no caso da Vila de Santa Thereza.

Constatar a importância do produto audiovisual para a preservação da memória e do patrimônio cultural apresenta a proposta de realização de um produto audiovisual documentário, observando o protagonismo dos atores, moradores mais antigos da Vila Santa Thereza em Bagé RS, a partir da construção do próprio envolvimento desses moradores na produção do documentário, procurando considerar e refletir sobre a memória dos idosos.

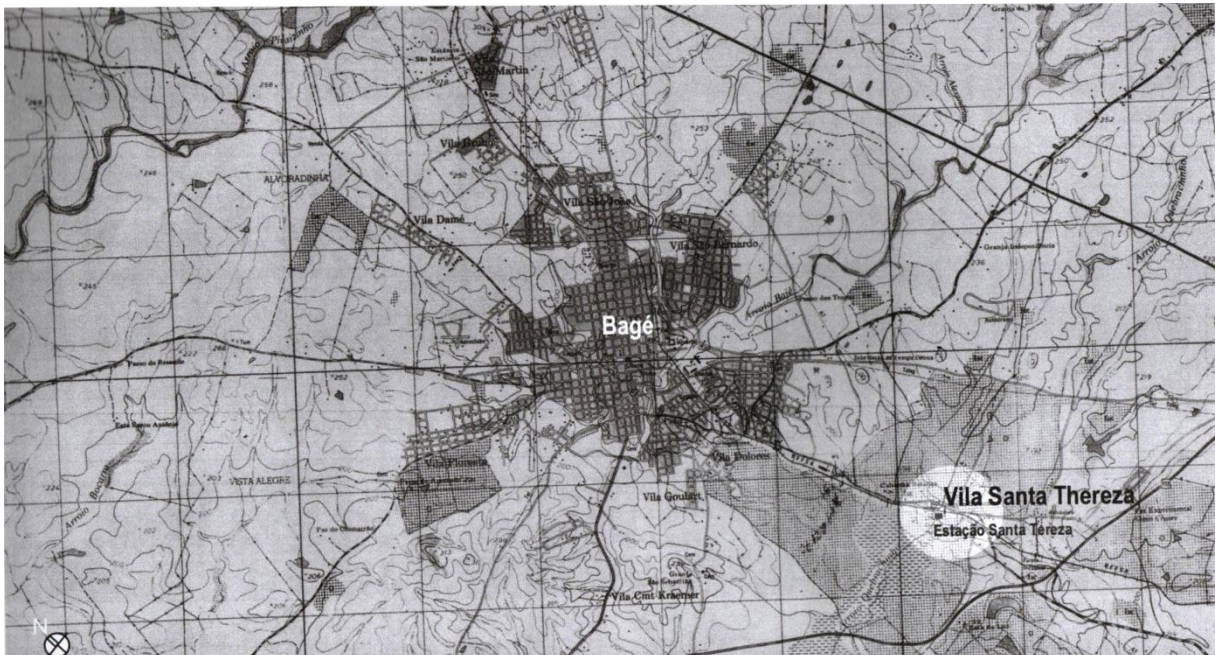
A cidade de Bagé, localiza-se na região de fronteira, limita-se ao norte com os municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul; ao Sul, com a República Oriental do Uruguai e Herval; ao Leste, com Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota, ao Oeste com Dom Pedrito e República Oriental do Uruguai.

Figura 2 - Mapa com a localização de Bagé



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-esquemático-da-região-centro-norte-do-Cone-Sul-Latino-Americano-com-a_fig3_288055950 Acesso em: 16 mar. 2020,16:33.

Figura 3 - Localização da Vila Santa Thereza, em Bagé, RS, Brasil



Fonte: Secretaria Municipal de Atividades Urbanas de Bagé, mapa impresso

No passado, as posses das terras eram definidas pelas relações de poder e com a expansão territorial, vinculadas as guerras e disputas na fronteira Brasil e Banda Oriental. A linha de fronteira nessa região, fazia do que hoje é Bagé, naquela época, ora território Espanhol, ora território português, até a fundação do Município em 1811 liderada por Dom Diogo de Souza.

Por ocasião da marcha do Exército Pacificador (ordenado por D. João, para ir em socorro do Vice Rei do Prata), organizado pelo Capitão General da Província de São Pedro do Sul, Dom Diogo de Souza, este ponto do mapa foi escolhido para que uma das três colunas de seu exército acampasse. Dom Diogo determinou ao seu comandante da Fronteira- Manoel Marques de Souza – “que acampasse num lugar com abundância de água, pastos e lenha, entre as nascentes do Rio Negro e os Serros de Bagé” (FAGUNDES, 2005, p. 25).

A influência das colonizações portuguesa e espanhola contextualiza a economia na região e determina o surgimento do patrimônio arquitetônico e cultural no Município até os dias atuais. O Centro Histórico Vila de Santa Thereza, situado em Bagé, traça uma linha do tempo, segundo Fagundes (1995), desde o surgimento da Charqueada de Santa Thereza, fundada em 1897 pelo imigrante português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, até o Centro Histórico Vila de Santa Thereza e seu tombamento.

A trajetória desse patrimônio perpassa a presença de trabalhadores da charqueada, que habitavam e ainda habitam a Vila. Estudar a memória presente entre seus descendentes é fundamental para esse trabalho, assim como a Vila Santa Thereza na atualidade.

Da mesma maneira as ações voluntárias da Associação Pró Santa Thereza, movimento da sociedade civil organizada que resultou na revitalização do Centro Histórico Vila de Santa Thereza em 2008, são relevantes nesse trabalho.

Esse trabalho aborda a trajetória da Vila Santa Thereza, que surgiu com a charqueada, perpassando o encerramento do negócio do charque, o abandono da Vila e o ressurgimento desse espaço, bem como seu respectivo tombamento, a partir do ano 1999, com a Lei 3.534/99², que “Declara Patrimônio Histórico e Cultural do

² BAGÉ. Lei nº 3.534, de 9 de setembro de 1999. Declara Patrimônio Histórico e Cultural do município a Igreja Santa Tereza, localizada bairro de mesma denominação. **Leis Municipais**. Bagé, 1999. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/1999/353/3534/lei-ordinaria-n-3534-1999-declara-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio-a-igreja-santa-tereza-localizada-bairro-de-mesma-denominacao>. Acesso em: 29 abr. 2020.

Município de Bagé, a Capela localizada no Bairro Santa Thereza”. A Lei 3.687/2001³ que “tomba como Patrimônio Histórico e Cultural do município, no Bairro Santa Thereza, o Coreto, o Lago que o circunda, mais a área do entrono do referido lago, num raio de 12 metros, localizado próximo à Capela de Santa Thereza, bem como as Ruínas do sobrado que foi residência do Visconde de Ribeiro Magalhães e dá outras providências”. Assim como os esforços do Deputado Adilson Troca, no seu Projeto de Lei 33/2002 sancionado, no governo Olívio Dutra, sob a Lei nº 11.891/2003⁴, que “Declara bem integrante do Patrimônio Histórico Cultural do Estado, o Complexo de Santa Thereza, no Município de Bagé”.

O trabalho incessante da organização da sociedade civil e a revitalização que denomina o espaço como Centro Histórico Vila de Santa Thereza, em que, através da Associação Pró Santa Thereza, foi possível revitalizar no ano 2008: a capela, um teatro, um memorial (ainda inconcluso) e um espaço de eventos ao ar livre. O coreto aguarda a segunda fase da revitalização, assim como aguarda a execução de um projeto paisagístico que abriga as ruínas do sobrado.

A vila operária, onde residem os trabalhadores, também aguarda revitalização das fachadas.

A proposta de construção de um audiovisual que desenvolvemos nesta dissertação, tem como norte a pedagogia do projeto Inventar com a Diferença, projeto de cinema, educação e direitos humanos, resultado de uma política pública para educação, desenvolvido no departamento de cinema da Universidade Federal Fluminense e a então Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em 2013. Esse projeto que começou a ser desenvolvido em todos os Estados do Brasil em 2014, no Rio Grande do Sul, foi aplicado em Bagé, após passar por um edital que

³ BAGÉ. Lei nº 3.687, de 24 de abril de 2001. Tomba como patrimônio histórico e cultural do município, no Bairro Santa Tereza, o coreto, o lago que o circunda, mais a área em torno do referido lago, num raio de 12 metros, localizados próximo à Igreja de Santa Tereza, bem como, as ruínas do sobrado que foi residência do Visconde de Ribeiro de Magalhães e dá outras providências. **Leis Municipais**. Bagé, 1999. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/2001/368/3687/lei-ordinaria-n-3687-2001-tomba-como-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio-no-bairro-santa-tereza-o-coreto-o-lago-que-o-circunda-mais-a-area-em-torno-do-referido-lago-num-raio-de-12-metros-localizados-proximo-a-igreja-de-santa-tereza-bem-como-as-ruinas-do-sobrado-que-foi-residencia-do-visconde-ribeiro-de-magalhaes-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 abr. 2020.

⁴ RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa do Estado. Lei 11.891, de 7 de janeiro de 2003. Declara bem integrante do patrimônio cultural do Estado o Complexo de Santa Thereza, no município de Bagé. **Sistema Legis**. Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=334&hT exto=&Hid_IDNorma=334. Acesso em: 29 abr. 2020.

selecionou candidatos no Estado. Após a seleção o projeto, foi desenvolvido em cada cidade, de cada Estado do Brasil. Ao desenvolvê-lo em Bagé e Uruguai, foi perceptível, durante o processo de filmagens com escolas e com grupos de diferentes comunidades, que questões relacionadas ao patrimônio estavam presentes em todas as manifestações aparentes nas imagens, nos desejos de filmar, de falar sobre si, no contexto das produções.

Os filmes que nasceram da pedagogia do “Inventar” permeiam a memória individual e coletiva dos grupos, apresentando vários curtas que abordam temas como patrimônio natural, material e imaterial em suas dimensões, dentro da identidade cultural da fronteira.

Desde o nascimento, percebemos a vida através da imagem e do som, pelos sentidos da visão e audição. Logo, a relação com o audiovisual justifica-se nas relações humanas, faz parte da percepção do ser em sociedade. A relação com a câmera, seja atrás dela para filmar algo ou alguém, seja do outro lado, para falar para a lente, é o tripé que ampara esse estudo, embasado em exercícios desenvolvidos de maneira singular, que despertam para sentimentos de pertencimento e descobertas de valorização de si, dos outros e do território que se habita.

O estudo observa o audiovisual na preservação do espaço de memória, do patrimônio e também busca considerá-lo um artefato museológico e educativo, a partir de seus processos de produção coletiva. A valorização da luta da sociedade civil pela defesa do patrimônio histórico, onde olhares se voltam para a Vila Santa Thereza em Bagé, patrimônio histórico do Brasil.

A velocidade em que o mundo atual desconsidera a história através do descaso e do comportamento efêmero da sociedade contemporânea é preocupante. Destacar a valorização da história das sociedades e da luta da sociedade civil pela preservação do patrimônio cultural é de extrema relevância para a humanidade.

O fenômeno “globalização” ao mesmo tempo em que possibilita uma dimensão de intercâmbios de informações e de bens culturais, também poderá ocasionar certa alienação cultural.

No que diz respeito ao procurar compreender as diferenças presentes nas sociedades, as questões relacionadas ao patrimônio cultural devem ser tratadas com uma dimensão humana, pois este se relaciona com o indivíduo e suas relações com o mundo. Portanto, entendo que, produzir um documentário sobre o patrimônio

histórico, a partir dos próprios atores que habitam o espaço tombado é olhar para si, na dimensão para além do território, o que é relevante nesse trabalho. Observar, construir, realizar, capturar e finalizar um ciclo em torno de imagens, é um processo muito importante para entender o resultado. O documentário proposto é uma ação de preservação da memória, também é uma ação educativa que gira em torno da educação patrimonial, em torno de um território tombado e seus habitantes.

Com vistas a essas conjunturas, muitos pesquisadores vêm avaliando a relação entre audiovisual e preservação. O trabalho acadêmico de Arruda (2006) que tem por título: *Documentação audiovisual: instrumento de construção da memória da favela do Chapéu Mangueira* se aproxima do tema proposto, pois trata da construção da memória da favela do Chapéu Mangueira, localizada no Leme, bairro da zona sul do Rio de Janeiro, onde as narrativas de um grupo de moradores, que envolvendo suas histórias de vida e do desenvolvimento do local, compõem essa memória através do registro audiovisual, com a captação de áudio e imagem por câmeras de vídeo. Além da preservação da memória, o trabalho analisa o papel das pessoas que compõem este grupo, enquanto narradores e moradores de uma favela e a forma de documentação adotada para as narrativas, que tem por objetivo legar para as gerações futuras o que foi feito e quem contribuiu com as melhorias encontradas no local nos dias de hoje.

Já Ferraz⁵ aborda a valorização dos arquivos em audiovisual, pois estuda a difusão do patrimônio audiovisual de televisão pela internet, a partir do estudo de caso do Instituto Nacional do Audiovisual (INA), buscando as contribuições que as ações de gestão do patrimônio audiovisual francês podem dar aos profissionais de acervos audiovisuais brasileiros. Analisa o acesso e funcionalidade e como proporcionar maior democratização da informação e produção de conhecimento, destacando a curadoria *online* voltada à função educativa do patrimônio e a valorização dos arquivos.

A pesquisa de Ferreira⁶ destaca a importância do audiovisual para um arquivo. Analisa a difusão do audiovisual, como meio de comunicação com a sociedade, através de desenvolvimento de vídeo institucional do Arquivo Histórico Municipal de

⁵ FERRAZ, B. C. B. **Difusão do patrimônio audiovisual de televisão pela internet: o caso do Instituto Nacional do Audiovisual (INA)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

⁶ FERREIRA, R. C. **Difusão audiovisual do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria como meio de comunicação com a sociedade**. 2015. Dissertação (Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

Santa Maria, analisando outros vídeos institucionais de arquivos estaduais e do Distrito Federal. Nos casos acima, já se configura a ideia de pensar o audiovisual como artefato museológico, tema que é motivo de olhares nesse estudo.

Por meio de relatos, ou seja, os descendentes também interpretam os trabalhadores da charqueada Santa Thereza, a metodologia da história oral é inserida no contexto desse trabalho, por meio de entrevistas gravadas para o documentário.

A oralidade, portanto, é instrumento utilizado nesse estudo, que tem objetivo de reconstruir o percurso histórico da comunidade. Por exemplo, a estratégia metodológica presente no trabalho de Gonçalves⁷ que tem como proposta filmar o testemunho de sujeitos da experiência, em 17 entrevistas, envolvidas no contexto cultural e audiovisual como marca identitária de Juiz de Fora, Minas Gerais, privilegiando a investigação inédita sobre a produção independente em vídeo, realizada pela empresa Bem-te-vídeo, fundada em 1984 naquela cidade. Traçando um estudo que observa o imaginário, memória e identidade na produção audiovisual da Bem-te-vídeo.

Manter a integridade do produto audiovisual é necessário para que seu conteúdo seja preservado. O trabalho acadêmico de La Carreta (2005), analisa os conceitos que fazem do filme um documento histórico, a partir dos processos de restauração da película. No trabalho aqui apresentado, também se considera imprescindível a atualização dos formatos de mídia para a preservação do conteúdo existente no produto audiovisual, no contexto desse trabalho, a memória.

Para compreender a memória da vida cultural da comunidade da Vila e relacioná-la com o presente, o trabalho se aprofunda em Halbwachs (2004). A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva, “olhar este que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios” (HALBWACHS, 2004, p. 55). Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, serem reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória

⁷ GONÇALVES, R. K. T. **Narrativas à margem**: imaginário, memória e identidade na produção audiovisual da Bem-te-vídeo. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs (2004, p. 75) “é uma imagem engajada em outras imagens”.

Portanto, acredito que, nesse trabalho de dissertação, a memória é a imagem falada nos depoimentos, gravada e engajada em outra imagem falada. O produto audiovisual, o documentário, é uma imagem engajada na outra imagem, que constrói a própria narrativa de memórias e ficará salvaguardada. O patrimônio, acredito que são as pessoas, tudo aquilo que parte do humano, das ações do humano, que são deixadas no planeta em inúmeras maneiras e suas expressões culturais. O patrimônio guarda essa memória.

A memória se faz presente por meio da captura em sistema audiovisual, onde a oralidade é preservada. O patrimônio são as pessoas e suas histórias contadas, e a forma pelo qual contam.

O objetivo desse trabalho é assim, construir um registro em produto audiovisual documentário da memória e identidade da Vila, desde a sua fundação em 1897 até a atualidade, procurando demonstrar que a produção audiovisual é também uma ferramenta de preservação da memória e do patrimônio.

Assim, essa dissertação pretendeu investigar o Centro Histórico Vila de Santa Thereza como patrimônio cultural da cidade e espaço de memória, a partir de um olhar sobre sua história e vida econômica, cultural e artística desde a época da charqueada de Santa Thereza, buscando compreendê-lo como espaço de memória e da identidade local, bem como patrimônio histórico da cidade de Bagé.

Nesse sentido, o que motivou nossa pesquisa se refletiu na problematização: como organizar/criar um audiovisual que ao mesmo tempo seja um instrumento de guarda da memória e também de divulgação da importância da preservação do patrimônio cultural de uma região fronteira do sul do Brasil(Bagé), por meio da Vila Santa Thereza? O audiovisual e o trabalho voluntário da sociedade civil organizada contribuem nos processos de preservação do patrimônio cultural da Vila Santa Thereza? O audiovisual construído passa a ter um valor de patrimônio cultural?

Assim, nossa hipótese foi que: se existem moradores na comunidade da Vila Santa Thereza, que descendem da época da charqueada, então o audiovisual pode sim, ser um importante agente de guarda dos registros dessa memória social coletiva, e contribuir para a sua preservação. Da mesma forma, o Centro Histórico Vila de Santa

Thereza é um espaço revitalizado pela Associação Pró Santa Thereza, organização da sociedade civil que, luta para mantê-lo.

O problema e a hipótese consistem em constatar a importância do voluntariado na luta pela preservação do patrimônio no País, ressignificando o inestimável valor histórico, cultural e artístico deste espaço para a cidade, no contexto local e nacional. O referido Centro Histórico, apesar de vivenciar o processo de modernização, apresenta um rico acervo de prédios e paisagem, possibilitando inventariar uma vasta gama de significados em suas edificações tanto na arquitetura, pintura, espaço físico, quanto nas ações culturais e educativas que constroem a história através dos tempos. Esse patrimônio reúne um complexo que também reflete o poder socioeconômico em suas várias fases de desenvolvimento, sendo estas construções um testemunho importante para a história, a memória social e para a identidade da sociedade bajeense.

No entanto, a sociedade sabe muito pouco sobre elas, por isso, penso ter sido de extrema pertinência este estudo. Nesse contexto, procurou-se demonstrar como um produto audiovisual pode contribuir nos processos de preservação da memória e compreensão da história. Com esta perspectiva, busca-se reconhecer, compreender e valorizar este espaço como portador da história dessa cidade e de um ciclo econômico vivido no Brasil através do charque. Porém é preciso relacionar as ações culturais e o comportamento da comunidade que viveu ali no passado e de seus descendentes que ainda habitam a Vila de Santa Thereza no presente, para entender a memória social coletiva.

Assim, podemos compreender o exercício da cultura popular que acontece nesse espaço, portanto, Vila Santa Thereza como um Centro Histórico é ressignificada no presente, através cultura popular, com base na cultura erudita que esteve presente no passado, pois o Visconde de Ribeiro Magalhães, um Nobre, fundador da Vila, deu base a acesso à cultura na comunidade. Então, contextualizando o patrimônio como uma dimensão da memória, podemos afirmar conforme Candau (2011), que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual, quanto o coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. Pois entendemos como memória as lembranças de uma história que se ressignifica a partir de um coletivo, e está presente em cada indivíduo, fortalecendo a identidade do grupo.

Este trabalho é dividido em três capítulos, o primeiro tratada da história da Vila Santa Thereza, a fundação da Capela de Santa Thereza D'Ávila e sua importância do contexto da Vila, apresenta também uma linha do tempo desde a fundação da Charqueada Santa Thereza, perpassando o surgimento da Vila, seu apogeu e o abandono posterior, até o surgimento da Associação Pró Santa Thereza e seu ativismo, que resulta no Centro Histórico revitalizado e a preservação deste patrimônio. O segundo capítulo, apresenta a memória e suas relações com o audiovisual, trabalhando a memória dos mais velhos e a metodologia utilizada no processo de criação do produto, no caso um audiovisual documentário, fundamentando a pesquisa no projeto "Inventar com a Diferença" e nos autores como Bosi (2010) e Migliorin (2016). O terceiro capítulo traz o conceito do audiovisual que foi produzido, a partir da metodologia utilizada na sua produção. O quarto capítulo, apresenta o roteiro descritivo do documentário "Vila Santa Thereza" que é resultado dessa pesquisa, bem como a ficha técnica, juntamente com o link de acesso ao documentário.

2 A HISTÓRIA DA VILA SANTA THEREZA, EM BAGÉ

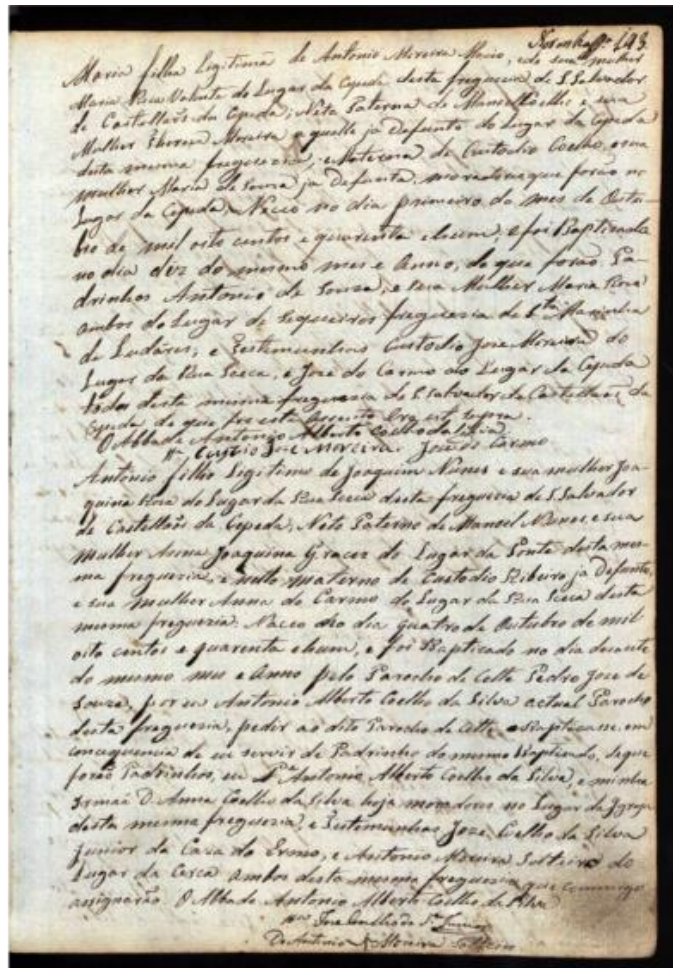
O objetivo deste capítulo é apresentar o registro da história da Vila Santa Thereza, em Bagé RS, desde a fundação até os dias atuais, perpassando os acontecimentos desde o final do século XIX, quando surgiu a Vila no entorno da charqueada, o período de abandono e o processo de tombamento e revitalização do sítio histórico. Usaremos como fontes, trabalhos acadêmico-científicos, literatura pertinente ao patrimônio cultural, audiovisual e documentos dos acervos do Museu Dom Diogo de Souza e Arquivo Público Municipal de Bagé.

A Charqueada de Santa Thereza foi fundada em 21 de fevereiro de 1897, pelo português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, que nomeou o estabelecimento em homenagem a sua esposa Dona Thereza Pimentel Magalhães, conforme Mazza Leite (2011). A partir de então, a charqueada de Santa Thereza alavanca a economia da região, que até então enviava a produção local para as charqueadas de Pelotas.

Para falar sobre essa charqueada é preciso conhecer um pouco da história do português que a fundou.

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães (Figura 4) nasceu na Freguesia de "Castelões da Cepeda", do Concelho de Paredes, distrito do Porto, em Portugal, em 05 de outubro de 1841. Filho de Joaquim Nunes e Joaquina Rosa de Magalhães.

Figura 4 - Certidão de nascimento de Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães



Fonte: Junta de Castelões de Cepeda, distrito do Porto, Portugal, acervo de documentos da pesquisadora Elizabeth Fagundes

Seus primeiros estudos foram em Portugal. Aos 12 anos, em 1853 embarcou no veleiro “Iris”, com destino ao Brasil, especificamente ao Porto de Rio Grande, cuja cidade na época recebia muitos imigrantes portugueses. Ao chegar em Rio Grande foi trabalhar como caixeiro em um dos armazéns do Mercado Público. Posteriormente foi recomendado ao comerciante da família Delabary⁸, proprietário de um local chamado “Três Vendas”, no município de Lavras do Sul.

⁸ Família Delabary ou de Labary (de Labari em Basco) é originária da comuna de Anhaux, na baixa Navarra, no País Basco Francês, departamento de Pireneus Atlanticus, na hoje denominada região da Noca Aquitânia (França). A Família Delabary chegou a América do Sul em Montevidéu, por volta de 1844. Posteriormente ao passar por Pelotas e Bagé no RioGrande do Sul, erradicou-se em Lavras do Sul. Os documentos brasileiros passaram o sobrenome de Labary, para Delabary.

Segundo Fagundes (2005) no início era empregado, e em seguida tornou-se sócio de Delabary. Adquirindo capital abriu seu negócio próprio, a firma Alegre e Magalhães, em Lavras. O negócio funcionou até 1872. Entretanto, conforme relato oral da família Delabary, especificamente o Juiz de direito Diego Delabary, que pesquisa a história da família Delabary, afirma que seus antepassados mencionaram que a sociedade com Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, teria sido com Martín Delabary, na localidade de São Sebastião, na estrada para Lavras, em um comércio denominado Casa das Correntes. Então o comerciante Martín Delabary, teria primeiramente empregado o português em seu estabelecimento e posteriormente tornaram-se sócios. A informação é embasada em Teixeira (1992, p.89) que indica que as primeiras edificações das Três Vendas seriam datadas em 1920, portanto, nessa época o Visconde já teria 80 anos.

No entanto, as datas de funcionamento do estabelecimento comercial Casa das Correntes, se encontram com o relato oral da família Delabary, de que o português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães teria trabalhado ali e tornando-se sócio, antes de se estabelecer em Bagé, segundo Leite (1997, p. 36):

Os primeiros ranchos edificados no terreno da atual “Casa das Correntes”, foram erguidos por um casal de imigrantes franceses, que manteve comércio de secos e molhados, cujos nomes eram os seguintes: Martín de Labary, sua mulher Domingas de Labary e o filho do casal José de Labary. Essas pessoas acham-se aí sepultadas e a lápide registra a data de 23 de setembro de 1865.

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães mudou-se para o município de Bagé, para a localidade rural Piraí, onde constituiu a firma Magalhães & Souza, que operava no ramo de secos e molhados. Nessa época casou-se com Dona Thereza Pimentel. Essa sociedade teve duração efêmera, pouco tempo depois veio estabelecer-se na cidade. Em 1884 operava em grande escala, principalmente na compra e venda de gado, como com açougue. Em 1885 Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães recebeu sua carta de comerciante junto à Junta Comercial de Porto Alegre, conforme Boucinha (1993).

A firma individual funcionava na esquina da Avenida Sete de Setembro (Figura 5) com a Três de Fevereiro, em Bagé. Era classificada como: “Lojas de fazendas”, “Fructos do País”, “Secos e Molhados”, “Loja de Ferragens” e “Porcelana e Miudezas”.

Figura 5 - Antiga casa da Firma Magalhães, comércio de secos e molhados, onde atualmente é a Câmara de Vereadores de Bagé



Fonte: Acervo fotográfico da Fototeca Túlio Lopes do Museu Dom Diogo de Souza/FAT URCAMP, Bagé RS, Brasil

Em 17 de setembro de 1888, Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães foi nomeado vice-cônsul da Nação Portuguesa em Bagé. O ato foi assinado pelo Dr. Antônio de Castro, cônsul de Portugal na Província, confirmado por Dom Pedro II. Em 1893, colocou seu filho Antônio como sócio, constituindo a firma “Magalhães & Filhos”. Um ano depois, em 1894, fundou nos arredores de Bagé (no atual bairro Pedra Branca, próximo das pedreiras) a charqueada do Cotovelo, em meio aos dias turbulentos da Revolução Federalista⁹.

Em 1897, comprou uma fração de campo à margem da estrada de ferro, a seis Km do centro da cidade de Bagé, no local construiu a charqueada de Santa Thereza.

⁹ Aconteceu no Rio Grande do Sul, seu início deu-se no ano de 1893 e perdurou até 1895, envolvendo os mais importantes grupos políticos. A República dava seus primeiros passos, dois grupos pleiteavam o poder, o **Partido Federalista** – que agrupava a antiga nata do Partido Liberal da época do império, comandado por Gaspar da Silveira Martins – e o Partido Republicano Rio-Grandense – do qual faziam parte os adeptos da república, e que era dirigido por **Júlio de Castilhos**, então governador.

Figura 6 - Capela de Santa Thereza D'Ávila, ao lado está o Teatro Santo Antônio, 1910



Fonte: Acervo fotográfico da Fototeca Túlio Lopes do Museu Dom Diogo de Souza/FAT URCAMP, Bagé RS, Brasil

No entorno da charqueada, surgiu a Vila Santa Thereza, onde além da residência de verão da família, a vila abrigava inicialmente cerca de 200 trabalhadores, que residiam com suas famílias, esses trabalhavam nas charqueadas e nas fábricas, segundo Reis (1911). O estabelecimento mantinha relações assalariadas com os empregados e trazia o modelo europeu de produção e modo de vida ao entorno do negócio. A assistência aos trabalhadores era completa: não só habitavam uma vila construída para os trabalhadores da charqueada, como tinham assistência médica e farmacêutica. Nos anos seguintes a população da Vila aumentou, Reis (1911).

O Jornal "O DEVER" de 03 de setembro de 1907 descreve com detalhes a inauguração do hospital de Santa Thereza, o qual tinha além de ambulatórios, sala de cirurgia e leitos para internação. Vários foram médicos que, ao longo dos anos, prestaram serviços neste hospital. Hoje este prédio abriga a atual escola de educação infantil Ana Mógliã, situada à Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães (FAGUNDES, 2005, p. 139).

Além do hospital a Vila tinha moradias para cerca de 1000 pessoas, luz elétrica (com usina independente) uma Capela de Santa Thereza D'Ávila, o Teatro Santo Antônio e o Coreto circundado com lago artificial faziam parte da Vila, assim como padaria, sapataria, restaurante popular, fruteira, comércio de secos e molhados,

fábrica de sabão, fábrica de escovas e uma fábrica de línguas enlatadas, conforme descreve o jornal “O DEVER” de 1922, (p.5 sobre a Vila de Santa Thereza):

Entre as diversas melhorias que foram feitas ao longo dos anos, havia: Adega, padaria, fábrica de gela, depósitos de madeira, fábrica de mosaico e tijolos, forno e cal com produção diária de 1.200 quilos. Anexo a estas fábricas também havia carpintaria, tanoaria, ferraria (FAGUNDES, 2005, p. 140).

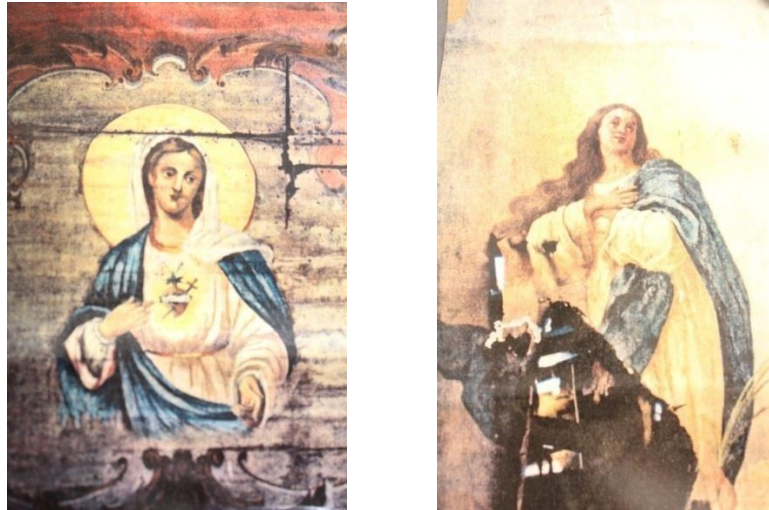
Havia também uma “quadra” de tênis para que os funcionários. Existia uma vida cultural na Vila. O Teatro Santo Antônio garantia alegria à vida da população, segundo Fagundes (2005), ali havia um grupo de arte dramática, composta pelos empregados do estabelecimento, banda musical a “Lira de Santa Thereza” e um cinematógrafo. O teatro tinha 6 camarins, 17 camarotes e 50 cadeiras na plateia, galeria para 150 pessoas. Também havia um cinematógrafo no teatro, mesa de bilhar, bilheteria e copa. Havia um piano, era tocado por músicos de renome internacional. No teto do teatro figuravam medalhões entre eles: de Carlos Gomes, Donizzetti, Bellini, Puccini, Verdi, Chopin, no “pano de boca” havia uma alegoria ao trabalho. Os próprios moradores eram protagonistas das ações culturais, como quermesses e cantos na capela. A linha férrea que percorria o estabelecimento proporcionava o desembarque de grupos de artistas. Com o passar do tempo surgiu um time de futebol, o “Therezinha Futebol Clube” fundado em 1928.

2.1 CAPELA DE SANTA THEREZA

A Capela de Santa Thereza, inaugurada em 1909 e o Teatro Santo Antônio (Figura 6) também faziam parte deste setor. A capela foi construída em homenagem a Santa Thereza D’Ávila, cumprindo uma promessa feita por Dona Thereza, esposa de Ribeiro Magalhães. O dia da inauguração, 15 de outubro de 1908, foi escolhido por ser o mesmo dia do nascimento daquela santa em 1515.

A obra é do arquiteto Pedro Obino, filho de imigrantes italianos de forte tradição artística, sendo seu pai ligado à construção da Catedral de Bagé. Além de arquiteto, Pedro Obino também era artista plástico, assinou a pintura sacra (Figura 7) que havia no teto da capela.

Figura 7 - Fragmentos da pintura Sacra, obra de Pedro Obino no teto da capela de Santa Thereza D'Ávila (Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Conceição), devido à depredação não foi possível restaurar a tela



Fonte: Acervo fotográfico da Fototeca Túlio Lopes do Museu Dom Diogo de Souza/FAT URCAMP, Bagé RS, Brasil.

Não só a família Magalhães, mas também a comunidade passou a usar a capela em todas as festividades, casamentos, batizados. Além da padroeira, guardava imagens de Santo Antônio, São Sebastião, São Geraldo, Nossa Senhora da Conceição, entre outros.

2.2 DA CHARQUEADA AO CENTRO HISTÓRICO, A ASSOCIAÇÃO PRÓ SANTA THEREZA

Na década de 1960 ocorre o encerramento do ciclo do charque em Bagé. Os princípios do abandono e do esquecimento marcam a história dessa comunidade.

A Vila Santa Thereza fica estagnada por cerca de mais de 30 anos, a partir dos anos 1960, ali permanecem os descendentes dos trabalhadores da charqueada, habitando as casas da vila operária, idealizadas pelo Visconde de Ribeiro Magalhães e outras erguidas no entorno. A Escola Ana Mógliã (antigo hospital da charqueada) segue em funcionamento, atendendo moradores. O teatro Santo Antônio é o primeiro a desabar, com o passar dos anos o sobrado onde residiu o Visconde (Figura 8), este que havia sido um seminário, após a morte do Visconde de Ribeiro Magalhães.

A casa do filho mais velho do Visconde, que se chamara Antônio, foi habitada por diferentes famílias, segundo histórias orais da comunidade, mas a intempérie

também o leva a ruínas. Desemprego recai sobre aquela comunidade, que vivia em torno do trabalho relacionado a produção do charque.

Resta a memória das histórias de uma época dourada, econômica e culturalmente vivida, que compõem as histórias da vila Santa Thereza e de Bagé, da fronteira sul-rio-grandense.

Mais de 30 anos se passam e a fé traz um sopro de esperança, pois quando a capela de Santa Thereza D'Ávila começa a ruir e chega em avançado estado de depredação, a comunidade da vila Santa Thereza e a comunidade Bageense reagiram. Um suspiro de lucidez em prol do seu patrimônio é provocado por meio de uma exposição fotográfica realizada na Praça Silveira Martins, por iniciativa do curso de Arquitetura e Urbanismo da Urcamp e do ECOARTE¹⁰ (Grupo de Arte e Ecologia de Bagé). Em 1992, o estudante Luís Fausto Teixeira retrata em suas lentes analógicas a capela de Santa Thereza, já em ruínas. E, foi essa experiência acadêmica, mais precisamente na disciplina de “introdução à fotografia” ministrada pela professora Maria Luiza Pêgas do curso de Arquitetura e Urbanismo, juntamente com o ECOARTE, que a organização da sociedade civil promove discussão sobre o patrimônio, que se desperta a redescoberta e a luta incessante pela revitalização e manutenção desse patrimônio cultural da cidade.

Figura 8 - Ruínas Vila Santa Thereza, antigo casarão do Visconde, onde residia na Vila Santa Thereza



Fonte: Acervo pessoal de Diego Fagundes. Fotografia de Diego Fagundes, 2004.

¹⁰ Grupo de Bageenses, Associação em Defesa da Ecologia Ampla e da Arte.

Desde ali, a Vila de Santa Thereza saiu do anonimato, do esquecimento. Passou a ser o objetivo de vida de um grupo de mulheres ativistas, que seguiram movidas pela curiosidade, pela determinação e pela ética, e embrionariamente os passos dessas voluntárias trilharam um caminho interminável, lideradas por Yerecê Belmonte Mógli¹¹ (Figura 9), uma referência para a comunidade da Vila Santa Thereza, Ao visualizar as fotos nas dependências do Centro de Artes Maria de Lourdes Alcalde (CENARTE)¹², Yerecê fica impactada com a depredação, pois ela tinha ligação direta com a Vila, pois seu sogro havia sido o sucessor na charqueada, pois este a adquiriu do Visconde e Yerecê havia residido na Vila Santa Thereza boa parte de sua vida, tendo vínculos com aquela comunidade.

Figura 9 - Fotografia de Yerecê Belmonte Mógli, 2001



Fonte: Fotografia do Acervo de Zélia Pedra Mógli, filha de Yerecê

¹¹ Yerecê Belmonte Mógli, nascida em 26 de julho de 1927, filha de Jurandyr Loureiro Belmonte e Zélia Silveira Belmonte. Casou-se com Mário Tavares Mógli em 28 de setembro de 1946, em Porto Alegre. Em Bagé, eles residiram alguns anos na Vila Santa Thereza. Seu esposo, era neto de Rodolpho Mógli, que foi contador do Visconde de Ribeiro Magalhães, ele adquiriu a charqueada de Santa Thereza uns anos após a morte do Visconde.

¹² Grupo ativista pela arte, extinto em março de 2002, por medidas de economia da Universidade da Região da Campanha.

Primeiramente com a singela pretensão de salvar uma capela depredada e ruída pelas ações da intempérie, Yerecê estabelece contato com moradores de Santa Thereza.

Conforme relato da moradora Maria Alcira Valério Teixeira e seu esposo Paulo Roberto Barbosa Teixeira¹³, neto de Rafael Fagundes Teixeira (trabalhador da charqueada), Yerecê compareceu em sua casa, na época recrutando moradores para reuniões comunitárias.

A partir daí é travada uma luta conjunta em prol da capela e posteriormente pela defesa desse patrimônio, que reúne um complexo arquitetônico, simbólico e histórico. Yerecê em contato com os moradores locais, junto com a comunidade da Vila e com um grupo de mulheres que atuavam no CENARTE - da Universidade da Região da Campanha, despontam ações em prol da capela de Santa Thereza D'Ávila. Lideradas por ela, então presidente da Associação Pró CENARTE, quermesses, rifas e brechós são realizadas para angariar fundos.

Entre as ações, a comunidade reunida lava as telhas da capela, resolvem colocar um cadeado e correntes na porta de entrada, na tentativa de barrar o vandalismo. O estado de depredação e danificação impossibilitou a salvação da pintura sacra do artista Pedro Obino, no teto da capela. Assim houve uma série de ações para sensibilizar a comunidade e valorizar a memória da Vila.

Ocorre o fechamento do CENARTE em 2002, esse fato ocasiona a fundação da Associação Pró Santa Thereza, instituída legalmente como organização da sociedade civil, posteriormente reconhecida como de interesse público.¹⁴

A partir daí os olhares da comunidade de Bagé se voltam novamente à Vila. A luta é fortalecida devido as relações de Yerecê, agora presidente da Associação Pró Santa Thereza. Em contato com Luis Fernando Cirne Lima¹⁵, a presidente articula projeto por meio dos incentivos fiscais das leis LIC¹⁶ e Rouanet, que possibilitam a

¹³ Maria Alcira Valério Teixeira e Paulo Roberto Barbosa Teixeira são moradores da Vila Santa Thereza, o relato oral de ambos foi realizado em 2014, durante as gravações do projeto Inventar com a Diferença, pela cineasta Adriana Gonçalves Ferreira.

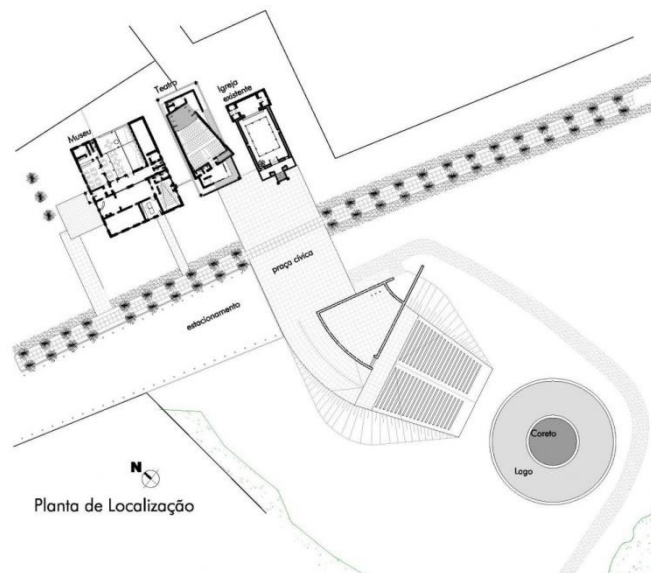
¹⁴ Em 2002 a gestão da Fundação Áttila Taborda-Universidade da Região da Campanha (FAT-Urcamp) – fecha o CENARTE – Centro de Artes, por motivo de contenção de despesas.

¹⁵ Luis Fernando Cirne Lima foi presidente da Copesul (Companhia Petroquímica do Sul), atualmente é Petroquímica Braskem, ele foi Ministro da Agricultura e tinha ligações com Bagé e com a família Mógliá, Yerecê e seu esposo Mário Belmonte Mógliá.

¹⁶ Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LIC) do Rio Grande do Sul. As leis estaduais de incentivo à cultura surgiram após a criação da Lei Rouanet, com o objetivo de valorizar a cultura local. A Lei 13.490/10 é um sistema unificado de Apoio e Fomento às atividades culturais do estado do Rio Grande do Sul.

revitalização, cujas obras começaram em 2005, e culminam com a inauguração do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, em 25 de outubro de 2008. O projeto é patrocinado pela Copesul, com contrapartida de 10% de empresas locais, os Supermercados Peruzzo, Lojas Obino e Prefeitura de Bagé. A empresa Tellus é responsável pelo projeto. O arquiteto Flávio Kiefer assina o projeto do Centro Histórico (Figura 10) e oportuniza ao público uma experiência de contato com a riqueza arquitetônica histórica da região, que guarda nesse espaço memórias do desenvolvimento da região sul.

Figura 10 - Projeto de revitalização, planta de localização- Arquiteto Flávio Kiefer



Fonte: Projeto digitalizado do acervo de projetos do arquiteto Flávio Kiefer

2.3 A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E A VILA DE SANTA THEREZA

Destacando a importância da memória, do patrimônio e da identidade, este trabalho busca valorizar tanto a paisagem cultural, quanto a percepção e a representação da comunidade do entorno deste complexo urbano que foi a charqueada e que hoje integra o patrimônio e a memória social da cidade. Hoje, com processos amadurecidos ao longo de 20 anos de ativismo, a Associação Pró Santa Thereza, mantenedora do espaço, busca alternativas pela preservação da Vila Santa Thereza. A falta de políticas efetivas de preservação, a ação do tempo, abandono e, principalmente, do vandalismo que vem ocorrendo através dos tempos, apaga parte

da memória social de Bagé, do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, por isto trabalhos como esse, ativismo da sociedade civil torna-se importante.

Alguns trabalhos apresentados durante o ArchiMemória - III Encontro Nacional de Arquitetos sobre preservação do Patrimônio Edificado, realizado em Salvador no ano de 2008¹⁷, reúnem textos que mostram que a avaliação das políticas patrimoniais realizadas pelas diversas esferas institucionais, não pode ser feita apenas com base em ações diretas ou indiretas de seus agentes, mas têm que considerar também a omissão e o que não é feito por questões de disputas ou posicionamentos políticos. A formação dos autores dos artigos, entre os quais se encontram planejadores, arquitetos, urbanistas, gestores públicos, técnicos em restauração e pesquisadores das ciências sociais, testemunham a interdisciplinaridade que deve orientar as ações de preservação do patrimônio.

Ao se debruçarem sobre esses temas, os textos expõem uma visão diversificada e rica, perseguindo uma preservação do patrimônio custeada pelo Estado, mas crescentemente vem sendo pensada a partir de parcerias público-privadas, através da participação da sociedade civil organizada.

Inaugurado em outubro de 2008, com a denominação “Centro Histórico Vila de Santa Thereza” (Figura 11) em primeiro momento é revitalizada parte da área pública: a capela de Santa Thereza D’Ávila, parte da casa onde residia o filho do Visconde, Antônio Magalhães (local do futuro memorial da Vila), o teatro Santo Antônio (intervenção contemporânea) e uma praça cívica com banheiros públicos (que abriga eventos a céu aberto).

¹⁷ Exemplo de trabalhos que tratam do assunto: ArchiMemória - III Encontro Nacional de Arquitetos sobre preservação do Patrimônio Edificado, realizado em Salvador no ano de 2008. (GÓMEZ FERRI, Javier. Do patrimônio à identidade: a sociedade civil como ativadora do patrimônio na cidade de Valência. **Gazeta de Antropologia**, 2004, edição 20).
SERRA, Daniela Campos de Abreu. **A participação da sociedade civil organizada na gestão do patrimônio cultural de Ribeirão Preto**: o CONPPAC/RP. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006. Artigo publicado no caderno Direito & Justiça do jornal Estado de Minas, edição de 26 set. 2011. Maria Coeli Simões Pires - Secretária de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais, membro efetivo do Instituto de Advogados de Minas Gerais.

Figura 11 - Área revitalizada do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, memorial, capela e teatro



Fonte: Acervo fotográfico da Associação Pró Santa Thereza, foto de Júlio Pimentel, 2008

O complexo cultural abrange a Vila Santa Thereza como um todo, cuja revitalização na sua totalidade faz parte dos planos da Associação Pró Santa Thereza, inclusive a revitalização das casas operárias, e a conclusão do memorial, a revitalização do coreto e projeto paisagístico local.

Desde sua inauguração em 2008, o Centro Histórico tem vida dinâmica, realiza ações educativas, atividades de educação patrimonial, eventos culturais, palestras, cursos e oficinas no espaço, planejadas pela mantenedora a Associação Pró Santa Thereza. A Associação Pro Santa Thereza também é reconhecida como ponto de cultura (o Pampa Sem Fronteiras)¹⁸ devido a trajetória de envolvimento cultural comunitário. O diálogo com universidades, coletivos de expressão cultural escolas e outros segmentos de organizações da sociedade civil o espaço vive em pleno ativismo cultural na sociedade a qual está inserido.

¹⁸ O Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras é um projeto da Associação Pró Santa Thereza, resultado de uma política pública da cultura, instituída pelo Ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil, idealizada por Célio Turino, historiador, administrador cultural e servidor público. Célio foi convidado por Gilberto Gil para desenvolver um programa de democratização e acesso à cultura, o Programa Cultura Viva, que deu surgimento a Lei Cultura Viva no Brasil.

O Ponto de Cultura pampa Sem Fronteiras é um espaço articulador da cultura audiovisual na fronteira Brasil-Uruguai, em Bagé e região fronteira. Fomenta a cultura de fronteira e dialoga com UNIPAMPA, URCAMP, IFSUL, Escola Municipal Ana Mógliã, Associação dos Deficientes Visuais e Auditivos, OSCIP Guayí, Abadá Capoeira, Mostra de Frontera en Rivera UY, Festival Internacional de Cinema da Fronteira, ONG Mundo Afro Rivera, Biricunymba Comparsa de Candombe Rivera, LLave 13 Comparsa de Candombe de Melo-Uy, Cuerda de Candombe Grillos Candomberos de Bagé RS.

Atualmente é ponto de referência de cultura, educação patrimonial, lazer, entretenimento e turismo. Recebe anualmente cerca de 30 mil pessoas, segundo o livro de registros da Associação Pró Santa Thereza.

A política, segundo Varine (2012), consolida o patrimônio como um capital na sua existência, porém sua vida depende da relação com suas raízes, metaforicamente o patrimônio é o coração que bate, mas o que pulsa são as ações comunitárias, a compreensão da comunidade, seu sentimento de pertença e o movimento que acontece ali, partindo do sentido de entrelaçamento da sociedade para com esse patrimônio.

A renovação do patrimônio é possível quando se atinge o desenvolvimento social no território, a sociedade cria e recria ressignificando o espaço, afirmando a consciência em si e a consciência de sua riqueza patrimonial herdada e cultivada.

Até recentemente, o Estado primeiro, e o mercado do turismo depois, foram os dois principais agentes patrimonializantes culturais. Recentemente, um novo agente patrimonializador emergiu com força: a sociedade civil ou o Terceiro Setor. Isso, através de grupos que podem assumir a forma de associações, ou grupos e plataformas, empreendem uma atividade de defesa do patrimônio, que às vezes entra em conflito com os outros dois agentes. A sociedade precisa compreender que o patrimônio, é o rastro que a Humanidade deixa, rastro da existência sob todas as formas e maneiras de vida. Pensar o Centro Histórico Vila de Santa Thereza, sua essência, sua sobrevivência, seu legado e ressignificação, como nasce e renasce é questão de olhar com atenção para o entorno.

Processos de tombamento e inventários, compartilhado e participativo, devem ser observados com atenção direcionada aos atores locais, a comunidade, e aos funcionários responsáveis que atuam nos espaços, bem como os políticos governantes.

A Constituição Federal de 1988 instituiu o regime democrático de direito e seu exercício pelo povo, de forma indireta e direta. Permitiu a participação da sociedade na gestão pública, garantiu a preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural para as futuras gerações. No entanto, o histórico constitucional brasileiro revelou como é complexo o caminho existente entre a norma abstrata e a realidade concreta. Entre as possibilidades de exercício da democracia direta, encontram-se as instâncias denominadas Conselhos Municipais. Quanto à preservação do patrimônio cultural

local, a Constituição Federal definiu a competência do Município na sua gestão, garantindo a colaboração da comunidade no processo. A sustentabilidade do patrimônio depende dessa compreensão coletiva, podendo assim acontecer a preservação no sentido da vida cultural e da preservação física.

A troca entre “educadores” ou indivíduos que ocupam determinadas posições nos espaços culturais patrimoniais com a comunidade local, é fator imprescindível para acionar o protagonismo de ação das comunidades. Só assim pode acontecer a ação patrimonial. Adaptar os museus às necessidades das populações e cumprir seu devido papel em sociedade.

Para compreender o processo histórico de Santa Thereza e a consolidação das instituições de proteção ao patrimônio, nos debruçamos em Choay (2006), pois nos séculos XIX e século XX a revolução industrial marca o fim de uma época, reforçando o sentimento de preservação e também o valor histórico, de aprendizagem e educação que a Revolução Francesa abre um caminho para a valorização e democratização do patrimônio. Assim como Choay (2006) nos revela autores, arquitetos e nomes de teóricos sobre restauro, arte, e valorização de monumentos, museus, antiquários e memória social. Neste contexto é preciso buscar alternativas para valorizar e preservar a memória, a partir das ações da sociedade civil.

Assim a criação de um audiovisual com a participação da sociedade civil, pode dar visibilidade e auxiliar na preservação da memória, ser tornando um instrumento e um patrimônio cultural e histórico regional. Como explanado no capítulo a seguir.

3 MEMÓRIA, AUDIOVISUAL E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desde o surgimento do cinema a possibilidade de documentar a vida, a sociedade, acompanha a história da captação de imagens por meio dos tempos. Os primeiros registros dos irmãos Lumière por exemplo, já captavam a saída dos trabalhadores na fábrica de seu pai em Lyon na França ou a chegada do trem na estação. Tal vídeo é um documentário que testemunha uma época.

Na atualidade o audiovisual toma seu espaço como forma de expressão contemporânea de uma sociedade absorvida pela tecnologia. Logo a memória fica registrada.

A memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades do presente (LE GOFF, 1988, p. 174), pois a memória nos dará a ilusão (reviver o passado): o que passou não está definitivamente inacessível, pois é fazê-lo reviver graças à lembrança. Daí a diferença entre o cérebro humano e a captação de imagens no cinema. O registro audiovisual guarda a memória, assim como o cérebro, porém, as máquinas não têm lembrança, o humano sim. Logo o cinema é um dispositivo que aciona a lembrança, sendo capaz de guardar e eternizar a memória (com os devidos cuidados de atualização de mídias).

O cinema como ferramenta pedagógica tem potencial transformador de apropriação do conhecimento e na construção do saber. Nos inspiremos no poeta Manoel de Barros (1956, p. 75) que nos diz sensivelmente: “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”.

Choay (2006) enfatiza que todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial. Assim, examinar este suporte como memória é relevante para a preservação identitária de uma época, pois a sociedade atual repensou o espaço com alguma intervenção contemporânea.

Embora os autores acima abrem um vasto caminho de pesquisa para inspirar o trabalho sobre a preservação da memória da Vila Santa Thereza, há carência de literatura apresentada em torno do tema “audiovisual e a preservação do patrimônio” no que se refere a reconhecê-lo como ferramenta de preservação e seu

reconhecimento, tanto como pedagógico em sua construção, como no que ele representa como objeto histórico.

Portelli (1997) contribui significativamente para a pesquisa, pois aborda a história oral o audiovisual e as diferenças de linguagem escrita e oral. Pollak (1992) coopera com a investigação da pesquisa, na medida que expõe a memória e identidade social através da história oral e sua linguagem é de fácil absorção. Assim como “O grande mentiroso” Amado (1995) trata da importância da memória reconstruída e preservada pela oralidade. As reflexões sobre memória e cultural, material abordados por Meneses (1998), por meio dos bens tangíveis e intangíveis contribuem para a pesquisa e perpassam o tema no decorrer do trabalho sobre a Vila de Santa Thereza, onde documentos e objetos surgem na comunidade.

Meneses (1998) faz pensar o processo e o produto do documentário audiovisual como um artefato em movimento, na medida em que concluído, ele circula, se move e dissemina imagens, sons e oralidade. Hartog (2006) abrange memória e patrimônio e o tempo, em que nos desperta que, a Vila Santa Thereza tem seu tempo, seu ritmo, seu modo de vida, sua cultura própria diante de um mundo um tanto acelerado.

Nesse sentido, ao trabalharmos com entrevistados e com a oralidade de pessoas da terceira idade, nos remete a reflexão necessária sobre a questão da memória dos mais velhos.

3.1 A MEMÓRIA DOS VELHOS

Esse item traz um pouco de mim: sou “filha de velho”, assim me diziam quando pequena. Quando saía com meu pai (que já tinha mais de 60 anos) ele sempre encontrava um conhecido, e perguntavam se eu seria sua neta. Durante minha adolescência (meu pai com mais de 70 anos) me acompanhava em reuniões dançantes e festas em clubes. Dos pais da turma de amigas, ele era o mais velho da turma. Hoje tenho 43 anos, ele 97.

Talvez ser filha de uma pessoa idosa tenha me levado a ter um vínculo maior com esse trabalho, que se utiliza da oralidade, da memória dos velhos, capturada em audiovisual, ou seja, os mais velhos trabalhadores da Vila Santa Thereza. A câmera que ganhei de presente ainda adolescente, as lembranças do meu pai, que desde que

tenho consciência de minha vida, me recordo dele, sempre relembrando o seu próprio passado e verbalizando suas histórias.

Envelhecer é um privilégio, em minha opinião a velhice chega aos merecedores de uma vida longa. Todavia, a sociedade em que vivemos é um tanto injusta com os idosos.

Em nossa metodologia da produção do documentário, as reflexões de Bosi (2010), que traz um estudo sobre a memória dos velhos, nos faz mergulhar no oceano da memória da velhice, condição na qual um dia, todos esperamos chegar.

Segundo Bosi (2010) o que define o sujeito na sociedade é a posição ocupada nas relações objetivas de trabalho. Nesse contexto, se oprime o velho de múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas.

Oprime-se o velho a partir de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria, asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutelarem, a recusa do diálogo e da reciprocidade, que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos), por mecanismos técnicos (próteses e precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as pesquisas que demonstram a incapacidade e a incompetência social do velho).

Que é, pois, ser velho na sociedade contemporânea? É sobreviver. Sofrer as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro pode ser um opressor.

O tempo de lembrar é o tempo de trabalhar, segundo Bosi (2010) o tempo de lembrar traduz-se pelo tempo de trabalhar. E a vida fundada no trabalho, define-se pela alegria do concreto. Bosi (2010) entrevista idosos de diferentes bairros de São Paulo, estes narram suas lembranças, cujas histórias se entrelaçam com a história da cidade e a melancolia trazida pela modificação arquitetônica, que surge através das mudanças ocasionadas pela urbanidade.

A pessoa, enquanto conta suas lembranças de vida e da cidade, faz uma das tarefas mais difíceis para a mente humana, que é aceitar o irreversível, o que se perdeu. Por causa das mudanças históricas que se aceleram, o sentimento de continuidade da pessoa é rompido.

Bosi (2010) enfatiza que, enquanto pesquisador não cabe a nós o direito de refutar o fato narrado pelo memorialista ou dele exigir que nos diga a verdade, que pode ser diferente de acordo com o tempo. Ele, vai nos contar a sua verdade, como cada pessoa tem a sua verdade. Na fase da interpretação dessa colheita de lembranças, nós temos que pensar, como cientistas humanos que nós somos, em um projeto. Pensar sobre que tipo de conhecimento estamos buscando e produzindo. Porque o passado reconstruído não é um refúgio, e sim uma fonte, que se origina de infinitas de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva.

Duas entrevistadas, ao narrarem suas lembranças, contam que havia certa discriminação entre negros e brancos, que levava a segregação entre os trabalhadores que habitavam a Vila Santa Thereza na época do funcionamento da charqueada.

Os relatos de dona Maria Meneses (86 anos), assim como Rutis Reis (72 anos) pessoas brancas não ficavam perto de pessoas negras em dias de partidas de futebol do time da Vila, o Terezinha Futebol Clube. Mesmo torcendo para o mesmo time, brancos ficavam separados de negros.

O mesmo relato aparece referente aos bailes de emalção¹⁹ do charque, Maria Meneses e Rutis Reis relatam que, nos anos 50, no Século XX, o salão era dividido por pilhas de mantas de charque e também por barricadas de madeira, que separavam os negros dos brancos, para que não se aproximassem ou dançassem juntos no mesmo salão.

Considerando que o período Pós-abolição foi cenário preferido para a disseminação das teorias raciais no território brasileiro, partir do pensamento e construção da ideia de raça, a elite política atuaria a fim de legitimar e naturalizar desigualdades e hierarquias (SCHWARCZ, 1993). Ou seja, no ambiente da Charqueada e da Vila Santa Thereza, também se reproduzia o comportamento do cenário Brasileiro.

Segundo Domingues (2008) o “preconceito de cor” não só existia no período Pós-abolição, como era manifestado cotidianamente, contribuindo para a preservação

¹⁹ Organizar, enfardar o charque em pilhas para venda e exportação.

da ordem escravocrata. Embora a Charqueada Santa Thereza não fosse escravagista, mantinha os costumes comportamentais nas relações sociais.

Dona Maria Meneses também conta que os trabalhadores frequentavam a capela, quanto ao teatro Santo Antônio, não há recordações de participações em eventos. Porém relata que no presente é presença assídua no Teatro Santo Antônio, quando há formaturas da escola Ana Mógia, Shows e eventos do Bairro.

Já Dora Magalhães (102), bisneta do Visconde de Ribeiro Magalhães, conta através de suas memórias, que a família comparecia com frequência o Teatro e as sessões de cinema.

O espaço revitalizado é ressignificação por meio da cultura popular, que no passado nasceu da realidade da cultura erudita.

Portanto, nos depoimentos dos ex-trabalhadores da charqueada Santa Thereza, documentados no produto audiovisual que este trabalho apresentou, constituem-se na vivência do trabalho. Logo, a concretização do espaço revitalizado, por si só, se funde com o trabalho dos entrevistados, e define-se pela alegria do concreto, onde há uma ressignificação do espaço quando tombado. A memória é levada adiante. Assim, o patrimônio carrega a memória dos trabalhadores da antiga charqueada de Santa Thereza.

Bosi (2010) traz a reflexão sobre a história oficial celebrativa, cujo triunfalismo é a história do vencedor, nesse sentido, enfatiza que a memória é oprimida pela ação daninha que sufoca a lembrança, no caso dos “não vencedores”.

A história da Charuqueada Santa Thereza é contada no trabalho de Boucinha (1993), assim como permeia o imaginário dos Bageenses, através da história de seu fundador, o Visconde de Ribeiro Magalhães, um aristocrata. Portanto, a conjuntura da história oficial, conforme Bosi (2010) é pontualmente onde consta a degradação da memória dos velhos, no caso dos trabalhadores da Vila Santa Thereza, a partir da opressão do “vencedor” sobre os “não vencedores” em que a história está submetida.

Segundo Bosi (2010), a memória da sociedade é registrada a partir da história oficial celebrativa, cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos.

No entanto, Bosi (2010) propõe a existência escritural da fala. Nesse trabalho proponho a existência audiovisual da fala, em vez de sua transcrição.

O entrevistador, torna-se o narrador, segundo Bosi (2010), ele dá existência escritural a fala. A memória dos velhos é traduzida pelo trabalho de lembrar, onde a posição do pesquisador resulta em ser ouvinte e narrador, que consiste em um resultado traduzido pelo escrita.

A memória dos velhos se afirma, se concretiza ao encontrar a resistência de um espaço, que se habitou com a existência do trabalho. Segundo Bosi (2010) quanto mais avança a idade, mais a memória retrocede as lembranças dos primeiros anos de vida, e podem haver momentos de silêncio nas falas ao recordar acontecimentos, ou esquecimento causado por traumas, em alguns casos até repetição, ao avançar da idade.

Entretanto, como pesquisadora, me torno em entrevistadora, ouvinte e narradora, cujo processo resulta na existência de um audiovisual documentário. Uma ferramenta não só de preservação da memória, mas também de multiplicação dessa memória salvaguardada como de minha motivação em fazê-lo.

A memória captada em audiovisual é a reprodução fidedigna da oralidade, logo, se difere do processo de transcrição. É o registro de uma narrativa oral construída por uma memória, que também percorreu um caminho existencial, como esquecimentos, sensações, reflexões, etc.

O trabalho de escrita e interpretação sobre a memória dos velhos realizado por Bosi (2010) está nas vozes dos que falaram, no trabalho de lembrar que efetuaram. Todavia, também está no trabalho de percorrer o lido e refazer o discurso interpretativo.

O registro da memória dos velhos em linguagem audiovisual, se encontra no campo da percepção sensorial que se dá pela visão e audição, ultrapassando o campo de pensamento que a escrita sugere. Lembrar torna o velho protagonista de um filme, sujeito de sua própria narrativa.

As experiências reunidas nesses trabalho, desencadearem um conjunto de caminhos que desenvolveram esse documentário. Estão explanadas na metodologia a seguir, e expõe um olhar particular sobre as minhas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas que acumulei até o presente.

3.2 A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DOS PLANOS DO DOCUMENTÁRIO

Segundo Migliorin (2016) um plano, no cinema é o trecho rodado ininterruptamente, entre o ligar e o desligar do botão “rec” da câmera. Logo o conjunto de planos foram uma sequência, e o conjunto de sequências formam um filme ou vídeo.

O caminho investigativo para construção do vídeo se constituiu diretamente por meio da pesquisa relacionada aos moradores mais antigos da Vila. O uso de fotografias, arquivos de jornais, objetos e fotografias do Acervo do Museu Dom Diogo de Souza, documentos do Arquivo Público Municipal e fontes literárias foram fundamentais.

O foco deste trabalho situa-se desde a fundação da Vila de Santa Thereza, erguida ao entorno da Charqueada de Santa Thereza, de sua edificação que é datado 1897 até a metade do século XX, onde se encerra o ciclo do charque no Brasil e posteriormente há um abandono e deterioração do patrimônio, e a partir do surgimento da Associação Pró Santa Thereza na década de 1990 e sua trajetória de conquistas até a inauguração do Centro Histórico Vila de Santa Thereza.

A estratégia de ação possuiu várias etapas para a sua execução, sendo que algumas apresentaram várias atividades concomitantemente. Para atingir os objetivos propostos é necessário percorrer o seguinte caminho investigativo: primeiramente efetuando pesquisas em jornais e documentos da época nos arquivos do Museu Dom Diogo de Souza e Arquivo Público Municipal, e nas bibliotecas da cidade para coletar todos dados possíveis referentes à história da vila e sobre as charqueadas do Sul; realizar levantamento da bibliografia pertinente ao tema para embasar a pesquisa.

Na sequência houve um *trabalho de campo* associado à produção de imagens em vídeo, produção realizada com a participação da comunidade de Santa Thereza no processo de produção. A finalidade de documentar a memória local por meio dos depoimentos dos protagonistas dessa história, utilizando a pedagogia do projeto “Inventar com a Diferença” na construção do vídeo, e afirmar suas possibilidades para o trabalho referente a educação patrimonial e preservação da memória.

A participação dos próprios moradores na produção do documentário foi fundamental.

Foram entrevistadas nove mulheres idosas, entre 65 e 107 anos, e quatro homens entre 65 e 87 anos, entre os anos 2008 e 2020.

Das nove mulheres entrevistadas, seis são descendentes dos trabalhadores da charqueada, quatro ainda residem na Vila Santa Thereza, duas residiram e vieram a falecer após a entrevista, duas são descendentes do Visconde de Ribeiro Magalhães, uma delas faz parte da Associação Pró Santa Thereza ocupando o cargo de Presidente, uma outra que não é descendente, e também participa como ativista do processo de revitalização do Centro Histórico, compondo a Associação Pró Santa Thereza como Vice-presidente.

As entrevistadas no documentário foram as seguintes mulheres:

Rutis Vaz Reis (72), Maria Alcira Teixeira Valério (75), Maria Luisa Teixeira da Luz (80), Maria Luíza Pêgas (62), Maria Meneses Oliveira (88), Maria Helena Martinez (105), Idorilda Barbosa (102) e Dora Magalhães Teixeira (105).

Dos quatro homens entrevistados, dois são moradores da Vila Santa Thereza desde que nasceram, um residiu na Vila e veio a falecer, e um é o arquiteto responsável pela revitalização que denominou o Centro Histórico Vila de Santa Thereza.

Os dois entrevistados (que ainda se encontram vivos), são descendentes dos trabalhadores da charqueada, habitam o território, o Sr. Paulo Silveira (65) de Oliveira e o Sr. Paulo Valério (76).

O historiador Professor Mestre Cláudio Boucinha também faz parte dos homens entrevistados, cujo trabalho de dissertação de Mestrado na UFRGS registra um estudo sobre as Charqueadas de Bagé, realizado em 1993. Boucinha (1993), autor que também contribui para o referencial teórico desse trabalho.

Entre os quatro entrevistados está o arquiteto e professor da UFRGS, Flávio Kiefer, responsável pelo projeto de revitalização do Centro Histórico Vila de Santa Thereza.

A procura dos entrevistados necessitou de uma pesquisa, isto é, a busca e identificação das referências na comunidade, os mais velhos.

No segundo momento foi realizada a escuta, onde aconteceu o despertar das lembranças do contador das histórias, os idosos.

O terceiro momento foi o aprendizado e apropriação no processo de pertencimento dentro do grupo, tanto parte do ouvinte, quanto do contador, assim como eu e os moradores que também filmaram uns aos outros. Também houve a

gravação de uma trilha sonora, criada pelos jovens artistas da comunidade, que trouxeram as memórias musicais associadas a paisagem do bairro em que vivem.

O quarto momento foi a exibição, o enxergar-se a si e o outro, no contexto histórico e patrimonial, que constatou a importância do audiovisual no campo das dimensões da memória, quando é apresentado ao público que o construiu.

Foi criado um banco de imagens contendo todas as informações coletadas para apresentação de um produto audiovisual documentário.

A construção do conhecimento destinou-se a elaboração do texto da dissertação, colocando em diálogo todos os dados coletados com a literatura acadêmica, conciliando com a organização da sequência das imagens captadas e a proposta para a obra audiovisual documental.

O desenvolvimento da produção audiovisual com os moradores envolve a prática dos exercícios pedagógicos do projeto “Inventar com a Diferença”, que reúne um conjunto de regras para que os indivíduos possam lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo se colocar, inventar com ele, descobrir sobre o entorno do lugar onde vive, contar suas histórias e ouvir histórias dos outros.

Os exercícios práticos aplicados com a comunidade a serem desenvolvidos são do Cadernos do Inventar (MIGLIORIN, 2016): fotografia narrada, minuto Lumière, história dos objetos, espaços vazios, cores e texturas, os sons, imagens: olhar e inventar, música e memória e molduras e máscaras. Assim, melhor explicamos a metodologia de produção dos planos:

Minuto Lumière: filmar um plano de um minuto com a câmera parada. O exercício é chamado assim, por fazer referência ao marco inicial da história do cinema, os primeiros planos filmados pelos irmãos Lumière na França, em 1895, quando os irmãos inventaram o cinematógrafo. Um parêntese que permite filmar uma série de instantâneos fixos (fotogramas), que quando projetados criam a ilusão de movimento. Naquela época as imagens eram filmadas em rolos de 17 metros, que atingiam aproximadamente 50 segundos de duração. O aparelho ficava parado. Essa prática permite observar a paisagem, elementos ou pequenos detalhes. Segundo Bergala (2008, p. 124) a realização do minuto Lumière envolve três gestos fundamentais, como:

A escolha. O que se quer filmar? Pessoas? Sons? Cores? Luzes? A Disposição? o posicionamento das coisas em relação umas às outras, Onde colocar a câmera, de que forma disponho esses elementos a serem filmados

diante da câmera, para que sejam mais ou menos significativos, o que incluo ou deixo fora do quadro. E o ataque: momento em que é decidido começar a filmagem. O momento em que se deve acionar o botão.

Fotografia narrada: pedir a uma pessoa, que seja um(a) dos(as) moradores(as) mais antigos(as), que apresente uma fotografia impressa de seu acervo pessoal e que fale sobre ela diante da câmera, é importante que a pessoa escolhida seja mais velha. Filmar esse momento com a câmera na mão atentando para os gestos o entorno e a própria fotografia, variando nos planos e enquadramentos. A narração da pessoa deve durar até 5 minutos, filmar em lugares silenciosos, pois o que a pessoa diz é importante. O objetivo desse exercício é descobrir um pouco da história de um vizinho, de um parente, de um funcionário da escola do bairro, cria um inventário da memória da comunidade retratada, atentando também para as fabulações que as pessoas fazem de si mesmas através da oralidade. O exercício volta atenção entre a palavra e a imagem, para a relevância da memória oral na constituição de um povo, de um grupo. É possível observar também, que tipo de histórias as pessoas querem contar.

História dos objetos: encontrar uma pessoa idosa da comunidade que fale sobre um objeto que esteja há muitos anos na família ou que seja, de alguma forma, significativo para essa pessoa. Primeiro, gravar somente a narração, (o áudio). Que deve durar entre um e três minutos. Separadamente filmar esse objeto e produzir imagens que criem relações com esta narração, explorando a duração dos planos e dos enquadramentos. Na hora de montar, colocar as imagens de acordo com a narração. Esse exercício valoriza a história oral, registra e compõe imagens que fale sobre outros tempos e outras formas de se relacionar com o mundo, sobretudo tradições e hábitos que têm sido transformados pela reconfiguração das cidades e do cotidiano e estimula a atenção às narrativas da comunidade.

Espaços vazios: selecionar quatro ou cinco casas entre os moradores que disponham abrir suas casas para essa atividade. Filmar o espaço de cada casa, dentro da casa, sem pessoas, somente o cenário. Esse exercício estimula o debate sobre as imagens, as narrativas possíveis sobre a casa, o modo de vida, a história, as crenças e o modo de vida ali presentes.

Cores e texturas: filmar no mínimo quatro planos concentrados em diferentes tons e texturas do corpo (pele, cabelos, pés, etc.), dar preferência para planos fechados, closes e detalhe, transformando a câmera num microscópio e depois

montar os planos em sequência. Objetivo do exercício é intensificar a percepção da variedade de peles e marcas corporais das pessoas da comunidade, visando aproximar as pessoas da diversidade que os cerca. Fragmentos de corpos e suas singularidades compõem um mosaico da multiplicidade que reflete nossa miscigenação étnica, e todas as marcas deixadas pelo tempo.

Os sons: com o gravador do celular, aparelho de captação de som direto ou da câmera fotográfica, cada pessoa grava até dois sons representativos da comunidade. A imagem não deve aparecer. A ideia é representar o bairro a partir do som que ele produz, ruídos da rua, da natureza, sons de animais, música, etc. Esse exercício permite perceber os sons no lugar em que vivemos, além disso, permite um trabalho sobre a construção sonora no cinema, muito distinta daquela do ouvido.

Imagens: olhar e inventar, recortar molduras de papel e enquadrar imagens do cotidiano e fotografar mantendo a moldura de papel na foto

Música e memória: pedir para a pessoa a ser filmada que cante um trecho de uma música da qual sempre se recorda e gravar. Ouvir o que a pessoa fala sobre essa música. Objetivo é apresentar a cultura e a identidade musical do entorno e pensar a música, memória e território. Depois olhar as fotografias produzidas e lançar várias perguntas sobre as imagens e as escolhas que levam à criação. O objetivo do exercício é dar atenção para os sujeitos ou elementos que compõem o imaginário de quem fez a foto. Assim como também a ausência daqueles que, por algum motivo não foram fotografados. Fazer um pequeno debate com perguntas: O que ficou de fora do quadro? O que sabemos que existe, mas optamos por não fotografar? O que gostaríamos de ter mostrado ainda? O que é parte da comunidade, mas pouco falamos ou temos dificuldade em falar? Por que escolhemos maneiras de ver as pessoas?

Máscaras: procurar elementos que possam ser colocados diante da lente da câmera alterando a imagem. Papéis coloridos e vegetal, transparências, tecidos, lentes de óculos, rendas, etc. Depois filmar situações ambientes, objetos ou pessoas com as máscaras, depois repetir os planos trocando as máscaras. O exercício traz a reflexão de que nossos olhos são lentes que também determinam como vemos o mundo. As coisas vista, portanto, existem a partir de uma relação com os nossos olhos, o que faz com que o vermelho de um, não seja o mesmo vermelho de outros, ao assumir uma forma de ver, também se assume perspectivas.

Molduras: visitar a casa de vizinhos e parentes, ou o teatro, a capela, o memorial e filmar até dois minutos através de portas, janelas ou molduras de papel. Filmar a resposta do morador da casa para a seguinte pergunta: “O que você vê daqui”?

O próximo passo foi filmar o plano (a imagem que a pessoa vê) e filmar o contra plano (a imagem da pessoa falando o que vê), sempre observando e enquadrando a partir das molduras criadas pelo e com o ambiente. O exercício visa colocar o indivíduo em uma situação na qual ele pode definir o que deve ser visto na imagem e o que deve ficar fora de quadro. Trata-se de exercitar nosso olhar com recortes do mundo. Entretanto o que não vemos não deixa de existir e merecer nossa atenção. Escolher o que deve ser mostrado também é uma forma de se relacionar com o mistério, com o que não conhecemos.

A trilha sonora do documentário foi produzida por jovens artistas da comunidade, Daniel Perez e Alexandre Rolhano. Ambos são músicos amadores e realizaram a composição da trilha sonora em violão, este trabalho foi construído a partir das vivências e das suas, memórias sensoriais a partir do lugar onde vivem, com objetivo de valorizar o pertencimento com o patrimônio ao qual fazem parte, tornando-os protagonistas no processo educativo que este documentário propôs. Pela primeira vez, os jovens artistas tiveram a oportunidade de gravar suas músicas em estúdio.

A montagem do documentário se deu com a união dos planos gerados pelos exercícios citados acima, que formam sequências e a união dessas sequências foram o filme. A utilização de imagens de arquivo com moradores já falecidos, que viveram no início do séc. XX e que deixaram descendentes naquele local, bem como essas novas imagens do espaço produzidas pela comunidade, da arquitetura e da paisagem do complexo, o Centro Histórico Vila de Santa Thereza, das pessoas, enfim, é observado sob o viés de um novo olhar, o olhar de atrás da câmera. O exercício de olhar atrás das lentes, contempla olhar a paisagem natural, arquitetônica, os vizinhos, os próprios ascendentes, o bioma, as ruínas, a Vila como um todo.

A divulgação desta pesquisa, depois de concluída, deve realizar exposições do produto, produzindo a circulação do audiovisual que documenta a memória da Vila, resultado desse trabalho. O documentário deverá circular em mostras de curtas de fronteira, realizadas pelo Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras (Bagé-Brasil, Livramento-Brasil/Rivera-Uruguaí, Vichadero-Uruguaí, Melo-Uruguaí, Jaguarão-

Brasil/Rio Branco-Uruguai), propondo parcerias com universidades localizadas nessa região.

O objetivo é evidenciar ações de educação patrimonial realizadas no espaço do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, que vem recebendo visitas semanais de escolas e grupos do município, bem como de outros municípios. Todas estas ações tem por finalidade socializar o reconhecimento e a relevância da história da vida da Vila de Santa Thereza e da trajetória da Associação Pró Santa Thereza em Bagé, como registro de identidade e memória social.

Após seis meses de inserção na pesquisa, foram restauradas imagens de arquivo que filmei a 12 anos atrás, nos anos 2008, cujos moradores já são falecidos. As etapas referentes às fontes primárias e secundárias foram finalizadas, ou seja, o levantamento dos dados. O levantamento bibliográfico fez parte de toda a trajetória da pesquisa, pois foram necessárias muitas idas e vindas à literatura. O trabalho de campo com o registro das imagens foi efetuado, a sistematização das entrevistas e organização do audiovisual, foi feita posteriormente a essa etapa do registro das imagens. A partir disso já foi possível esboçar as primeiras configurações do trabalho, que foram apresentadas na etapa da qualificação do Mestrado.

A pesquisa contribuiu para o conhecimento acerca desse patrimônio cultural e sua valorização, consolidou uma ação educativa junto aos habitantes de Santa Thereza, que por meio da prática do fazer audiovisual, exercitou olhares sobre si mesmos, buscou a valorização desse patrimônio e tornou os moradores, mensageiros da memória registrada em imagem e som.

Também socializou o material para a comunidade em geral, que este espaço é portador da memória de Bagé. Com esta perspectiva, chamamos atenção dos gestores públicos para estabelecer políticas de conservação e preservação através da visibilidade dos resultados: comunicação em eventos, exibição do audiovisual e ações educativas de educação patrimonial.

A criação do audiovisual, resultou na contribuição para os dados do Núcleo Pesquisas Histórico Tarcísio Taborda, Arquivo Público Municipal de Bagé, Museu Dom Diogo de Souza e circulação em TVs educativas, salas de cinema em universidades e coletivos culturais, bem como as exposições no Teatro Santo Antônio (que se adapta a uma sala de cinema com 120 lugares) no Centro Histórico, durante as visitas agendadas pelo público.

A narrativa incluiu, na sequência dos planos, registro de imagens que revela a trajetória histórica da Associação Pró Santa Thereza, seu entrelaçamento e pertencimento com a comunidade da Vila Santa Thereza, assim como o trabalho que desenvolve como mantenedora do espaço. Depoimentos com pessoas importantes no processo de revitalização do local, arquiteto responsável pelo projeto e personalidades e profissionais envolvidos, como o Historiador Cláudio Boucinha, que presenciou a revitalização do referido Centro Histórico.

Já existiam cenas de arquivo, realizadas por mim, que asseguraram o registro da memória, com entrevistas dos moradores já falecidos, portanto o tempo total da pesquisa são 20 anos .

Cenas e fotografias de ações culturais e educativas que dão vida cultural ao espaço na atualidade, também fizeram parte da narrativa do documentário. Cenas da vida dos moradores no complexo da vila operária, onde ficam as casas construídas na época, cujas residências ainda são habitáveis.

Sobretudo, o trabalho não apresentou roteiro na pré-produção, pois a montagem do documentário, implicou num processo de construção e de troca, cujo processo foi mais importante que o produto, logo o produto, foi resultado do processo.

Tal processo, originou a junção e justa posição dessas imagens, montagem produto audiovisual documentário, com duração entre 40 e 50 minutos, cujo conteúdo abordou a história da Vila Santa Thereza, a memória dos moradores e dos ex-trabalhadores da charqueada, por meio de gravações dos relatos orais, cenas de suas vidas e da paisagem da Vila, filmados por eles próprios e por outros fotógrafos, todos coordenados por mim, que realizei este trabalho, portanto, temos um conjunto de olhares, o resultado de uma troca. Segundo Varine (2012), a política, em seu sentido mais íntegro da palavra, consolida o patrimônio como um capital na sua existência, porém sua vida depende da relação com suas raízes, metaforicamente, o patrimônio é o coração que bate, mas o que pulsa são as ações comunitárias, a compreensão da comunidade, seu sentimento de pertença e o movimento que acontece ali, partindo do sentido de entrelaçamento da sociedade para com esse patrimônio.

Nesse sentido, concorda-se com Varine (2012) que considera o educador patrimonial como aquele que age como facilitador, fazendo a “ponte” entre o Patrimônio inserido no território e seus habitantes.

A trajetória da Associação Pró Santa Thereza que faz parte do processo de revitalização do Centro Histórico, também foi contada, através das imagens de arquivos fotográficos, que se somaram a esse trabalho.

4 PRODUTO AUDIOVISUAL

O produto apresentado aqui é o registro em audiovisual da memória e do patrimônio histórico, realizado com a participação dos moradores da Vila Santa Thereza no processo de produção: Link: <https://www.pontodeculturapampasemfronteiras.com/santathereza> Documentário em formato *full* HD, com duração de 1:05 min. Também foi disponibilizada uma cópia com descrição legendada, para acessibilidade do público com deficiência auditiva (alfabetizados). Narrativa documental, que objetivou materializar através da linguagem Audiovisual/cinematográfica, processos culturais e sociais do patrimônio histórico de Bagé. Explorando a realidade, a partir de imagens de fotografias antigas, jornais de época e imagens de documentos e objetos. Imagens em movimento com relatos de moradores da Vila de Santa Thereza, ainda vivos, que nasceram sempre viveram e ainda residem na Vila e que, presenciaram o ciclo laboral do charque.

Suas histórias, lembranças e vivências, assim como de seus ascendentes que ali também viveram, desde o surgimento, fundação da charqueada que originou a vila, além da percepção da autora deste produto, que participou como ativista pela preservação, e das relações comunitárias da Vila Santa Thereza.

A seguir, o roteiro descritivo do referido documentário.

4.1 ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “VILA SANTA THEREZA”

CENA 1

Imagem: sequência rápida de fotografias, expondo várias épocas da história da Vila Santa Thereza e pausa em fotografia de uma vassoura de chirca improvisada na porta da capela, permanece por alguns segundos

Som: voz dos moradores, frases se referindo a fragmentos dos seus relatos, presentes na audiovisual/entra trilha

CENA 2

Imagem: sequência de logomarcas dos realizadores e a palavra “apresentam” ao final dos logos

Som: segue trilha

CENA 3

Imagem: Imagem aérea de drone, percorre a Vila de início ao fim

Som: segue trilha

Imagem: imagem da placa turística com o nome Vila Santa Thereza

Som: segue trilha

CENA 4

Imagem: cavalo pastando

Som: segue trilha

CENA 5

Imagem: galinha ciscando

Som: segue trilha

CENA 6

Imagem: fachada da mercearia do bairro, idoso entrando no estabelecimento

Som: segue trilha

CENA 7

Imagem: homem vindo de bicicleta na Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães até sair de quadro

Som: segue trilha

CENA 8

Imagem: mulher passa em frente à Escola de educação Infantil Ana Mógia

Som: segue trilha

CENA 9

Imagem: moradores jovens tomando mate e conversando em frente as árvores da quadra

Som: segue trilha

CENA 10

Imagem: dois cachorros saindo de um corredor entre as casas

Som: segue trilha

CENA 11

Imagem: foto antiga da Vila, movimento suave (capela, teatro e casa) por volta de 1910

Som: entra voz de Idorilda Barbosa

CENA 12

Imagem: Idorilda sentada entre as palmeiras no Centro Histórico, ao fundo aparece a Capela e o Teatro. Durante a fala de Idorilda, aparece foto antiga do coreto e foto do coreto em ruínas

Som: voz de Idorilda: “eu vim para Santa Thereza aos 10 anos” ... sua fala segue, ela conta sobre seu pai que trabalhava na Charqueada, descreve como era o lugar e conta suas memórias sobre o Visconde de Ribeiro Magalhães e sobre o velório dele.

CENA 13

Imagem: Historiador Cláudio Antunes Boucinha, sentado em um dos corredores do Museu Dom Diogo de Souza, fundo desfocado

Som: voz de Boucinha: ele fala sobre o Visconde de Ribeiro Magalhães, sua vinda para o Brasil e sua personalidade

CENA 14

Imagem: Maria Helena Martinez aparece sentada em frente à móvel antigo, com relógio de cordas antigo ao fundo, pendurado no móvel. Durante seu relato aparece foto do Visconde e da Viscondessa

Som: voz de Maria Helena: ela fala que seu pai foi administrador das estâncias do Visconde, conta sobre suas memórias, relata sobre o Visconde, a Viscondessa, que servia mate para a família e que sua mãe era empregada na casa do casal. Ela conta que o relógio foi um presente do Visconde para seu pai, onde na ocasião o objeto foi trazido de Portugal. Conta também que o Visconde trouxera um professor uruguaio, para alfabetizar as crianças na estância, filhos dos empregados do estabelecimento rural.

CENA 15

Imagem: foto de mulher jovem em porta retrato/corta para: foto do Visconde/corta para: depoimento de Dora Magalhães Teixeira em plano fechado

Som: voz de Dora, ela traz suas memórias e relata sobre seu bisavô (Visconde), conta sobre a Vila Santa Thereza, sobre a Capela, o Teatro e os eventos que aconteciam no local, no início do Século XX. Relata as serenatas de Natal, sobre as casas da quadra e sobre sua infância na Vila. Durante seu relato aparece um cartão postal da Vila, de Feliz Ano Novo, com data de 1-1-1906, também foto das casas da quadra no início do Século XX e do Teatro e da Capela, na mesma época.

CENA 16

Imagem: arte de Danúbio Gonçalves (da série “Xarqueadas”) recortada e com fundo neutro/corta para: fotografia recortada dos antigos trabalhadores da Charqueada Santa Thereza (Ascânio Vaz e Eduardo Reis)

Som: entra trilha

CENA 17

Imagem: José Oliveira Filho, sentado no banco da praça cívica do Centro Histórico, ao fundo parecem desfocadas, as ruínas do antigo sobrado. Durante sua fala aparecem fotos dos varais de charque, dos trabalhadores José Moisés, Joaquim e Nilo Amaral, fotos antigas e atuais das habitações da quadra.

Som: voz de José, ele traz em seu relato, as memórias do trabalho na charqueada, fala sobre o processo de salga do charque, a linha de produção no local daquela época, e sobre as lembranças de quando morava na quadra.

CENA 13

Imagem: Historiador Cláudio Antunes Boucinha, sentado em um dos corredores do Museu Dom Diogo de Souza, fundo desfocado. Durante sua fala, aparece imagem aérea de drone, do prédio da antiga Charqueada, atual empresa transportadora Dachery. Também aparece imagem da Xilogravura, do artista plástico Bageense Danúbio Gonçalves (da série “Xarqueadas”) e foto dos trabalhadores, onde aparece Rafael Teixeira (*in memorian*), da família Teixeira, moradores da Vila Santa Thereza.

Som: voz de Boucinha, ele contextualiza a importância econômica e cultural da Charqueada Santa Thereza para Bagé, fala sobre a rede econômica que se estabelece por meio dessa Charqueada, desde o Nordeste até Cuba. E as relações da fronteira entre Bagé, Pelotas até Montevideú. A segunda onda das charqueadas, no caso de Bagé, e as relações de trabalho no contexto não escravagista.

CENA 18/20

Imagem: imagem aérea recente de drone, da capela, teatro e memorial/corta para: fotografia antiga dos mesmos prédios/corta para: foto recente da fachada dos prédios/corta para: Maria Luisa, Presidente da Associação Pró Santa Thereza, sentada em banco, dentro da capela de santa Thereza D'Ávila. Durante sua fala aparece foto antiga da capela

Som: entra trilha, baixa trilha e entra voz de Marilu, ela faz uma introdução sobre uma exposição dos alunos de Maria Luíza Pêgas, sobre o patrimônio da cidade de Bagé

CENA 19

Imagem: Maria Luíza Pêgas, vice-presidente da Associação Pró Santa Thereza, sentada, ela está com o fundo desfocado. Localização: Museu Dom Diogo de Souza. Durante sua fala aparecem fotos antigas das ruínas de Santa Thereza, da turma de alunos do curso de comunicação em 19996, nas escadarias da capela em ruínas e do grupo do ECOARTE, quando entraram na capela pela primeira vez. Foto da imagem de Santa Thereza D'Ávila.

Som: voz de Maria Luíza, ela fala sobre a exposição sob o tema patrimônio histórico de Bagé, proposta por ela e realizada por seus alunos, ação que chamou atenção para a Vila Santa Thereza em ruínas

CENA 20

Imagem: Maria Luisa, Presidente da Associação Pró Santa Thereza, sentada em banco, dentro da capela de santa Thereza D'Ávila. Durante sua fala aparecem fotos antigas da capela em ruínas

Som: voz de Maria Luisa, fala sobre o movimento comunitário e a liderança de Yerecê Mógliã, que assume a Presidência da Associação Pró Cenarte e dá início à luta em prol da capela, junto aos moradores da Vila Santa Thereza

CENA 21

Imagem: Maria Alcira Valério, na sala de aula da escola Ana Mógliã, ela segura uma fotografia e narra as lembranças a partir da foto que segura em suas mãos. É uma fotografia do dia em que a comunidade se reuniu para a lavagem das telhas da capela

Som: voz de Maria Alcira, ela relata o encontro com Yerecê Mógliã e o movimento comunitário onde começa a revitalização da capela

CENA 20

Imagem: Maria Luisa, Presidente da Associação Pró Santa Thereza, sentada em banco, dentro da capela de santa Thereza D'Ávila. Durante sua fala aparece foto com Yerecê Mógliã, durante os bingos que realizavam em prol da capela

Som: voz de Maria Luisa, relata sobre as pequenas conquistas, a primeira missa rezada na capela após o ativismo do grupo CENARTE e fala sobre a visita de Luis Fernando Cirne Lima, que resulta em projeto de revitalização que dá origem ao Centro Histórico revitalizado. Destaca a importância da capela em todo o processo de revitalização e preservação do Patrimônio. Conta sobre a fundação da Associação Pró Santa Thereza e o início da obra, até a reinauguração em 2008.

CENA 22

Imagem: Flavio Kieffer, arquiteto responsável pelo projeto do Centro Histórico Vila Santa Thereza, em seu escritório

Som: voz de Flávio Kieffer, ele fala sobre a concepção do projeto e a relação da arquitetura contemporânea com a memória

CENA 23

Imagem: imagem aérea de drone, centro histórico

Som: entra trilha

CENA 20

Imagem: Maria Luisa, Presidente da Associação Pró Santa Thereza, sentada em banco, dentro da capela de santa Thereza D'Ávila. Durante sua fala aparecem imagens das obras do artista Glênio Bianchetti e fotos do painel da artista Teresa Poester e foto com o registro de quando o painel foi pintado pela artista

Som: voz de Maria Luisa, fala sobre as obras da capela, do artista plástico Glênio Bianchetti e a relação dele com as obras que estão na capela, a *via crucius* e a via sacra, de autoria do artista. Maria Luisa conta sobre o dia em que Glênio visitou a capela e ela fez o convite para que ele produzisse as obras. Ela também conta sobre a obra da artista Teresa Poester, que está no painel, localizado na praça cívica do Centro Histórico

CENA 24

Imagem: fotos antigas da charqueada

Som: entra trilha

CENA 13

Imagem: Historiador Cláudio Antunes Boucinha, sentado em um dos corredores do Museu Dom Diogo de Souza, fundo desfocado

Som: voz de Boucinha, ele relaciona a charqueada com a memória da cidade de Bagé

CENA 25

Imagem: foto de menina pequena/corta para: imagem de Rutis Reis, sentada no sofá, durante sua fala aparecem fotografias de sua avó com seus pais no rancho de torrão onde viviam. Posteriormente fotos de seu pai e de seu tio, que trabalharam na charqueada, também aparece foto de trabalhadores em frente aos varais de charque.

Som: voz de Rutis: "Eu nasci em Santa Thereza" ... ela conta que é moradora de santa Thereza e fala sobre sua vida, sobre seus avós e seus pais que sempre moraram na Vila, primeiramente em ranchos de torrão e palha, depois construíram a casa, fala sobre ter estudado na Escola Ana Mógliã, sobre seu pai ter trabalhado na charqueada e traz as lembranças da época do charqueada em pleno funcionamento

CENA 26

Imagem: Várias pessoas da mesma família sentadas em frente à casa, entre elas, uma mais velha/corta para: senhora sentada, durante sua fala aparecem fotos dos antigos festejos e atividades religiosas na capela Santa Thereza

Som: voz de Maria Menezes de Oliveira: "Eu sou Santa Thereza"... ela conta suas memórias desde criança, as lembranças das memórias religiosas e as atividades na capela, sua primeira comunhão, sobre as missas, sobre as pinturas de Pedro Obino

que haviam no teto da capela, sobre as “Marias” e os “Marianos”, grupos de jovens que participavam das congregações.

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá

Som: voz de Rutis, fala sobre a capela

CENA 28

Imagem: Rutis e Jurema sentadas em frente a casa/corta para: Jurema fanado, ela segura um pequeno vestido, que mostra para a câmera, aparece fotografia do sobrado onde foi residência do Visconde na charqueada

Som: voz de Jurema, ela conta as lembranças da sua primeira comunhão e fala sobre o vestido que usou na ocasião, conta as lembranças do sobrado onde viveu o Visconde, onde posteriormente foi um seminário e ali havia uma capela, utilizada para atividades religiosas, porque na época em que ela comungou, a capela de Santa Thereza D'Ávila estava em estado de depredação, então a comunidade utilizava a capelinha do interior do seminário. Jurema conta sobre o Padre de Santa Maria, que a preparou para a primeira comunhão e que, este Padre trouxe a imagem da pintura de Nossa Senhora Conquistadora para a cidade de Bagé, e que posteriormente foi inaugurado um Santuário e a imagem foi levada para o local, onde está até os dias atuais. Ela se refere ao Padre Pedro Luíz.

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá, aparece fotos dos antigos festejos da Semana de Santa Thereza D'Ávila, fotografia das procissões e do grupo de moradores que cantava na capela, eles estão na escadaria da capela

Som: voz de Rutis, ela conta sobre os festejos da Semana de santa Thereza D'ávila que aconteciam na Vila

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa, durante sua fala aparece uma fotografia do Terezinha Futebol Clube

Som: voz de Maria Menezes de Oliveira, conta sobre as lembranças sobre o time de futebol que havia na comunidade em Santa Thereza e sobre a divisão entre pessoas brancas e negras, que apesar de torcer para o mesmo time, não partilhavam do mesmo lugar, ela diz que eram brancos para um lado e negros para outro

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá, aparece foto do time de Futebol Teresinha Futebol Clube

Som: voz de Rutis, ela conta que aos domingos todos da comunidade assistiam aos jogos, que seus irmãos jogavam no time, em sua fala, ela confirma o relato de Dona Maria, que brancos e negros não se misturavam na torcida, apesar de torcerem para o mesmo time e serem da mesma comunidade

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa

Som: voz de Maria Menezes de Oliveira, conta que havia outro time na comunidade, que esse se chama “Grêmio”

CENA 30

Imagem: Plano fechado em troféu de futebol/corta para: homem em frente a inúmeros troféus, ele segura um livro, aparece plano dos troféus

Som: voz de Paulo Sérgio Bandeira de Oliveira, ele lê informações que estão escritas na primeira página do “Livro de Ouro” do Teresinha Futebol Clube, data de fundação e arrecadações em prol do time

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa

Som: voz de Dona Maria, ela conta que seus pais trabalhavam na charqueada, que moravam em rancho de torrão, que seus pais ganharam terreno da família Mógliã e construíram casa de material, diz que ali nasceram seus filhos

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá

Som: voz de Rutis, ela conta que havia bailes realizados após a emalação do charque e que nesses bailes, a entrada de negros era separada da entrada dos brancos, da mesma forma era o salão de baile, dividido entre as pessoas negras e pessoas brancas, que não dançavam juntas

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa

Som: voz de Dona Maria, ela conta sobre a divisão entre negros e brancos no salão dos bailes da emalação, diz que havia uma linha de barricas, que dividia o salão e brancos se negavam a dançar com negros

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá

Som: voz de Rutis, fala que dançavam muito nos bailes e que as orquestras eram maravilhosas

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa

Som: voz de Dona Maria, ela conta que, certa vez o Sr. Hugo Mógliã mandou desfazer a divisão de barricas, para que todos dançassem juntos nos bailes, porém, foi só naquele único baile. Posteriormente os bailes seguiram separados. Ela conta também que na Vila Industrial (próximo à Vila Santa Thereza), havia um senhor negro que realizava bailes para negros, e não permitia a entrada de brancos. Ela conta também, sobre os bailes realizados na Estância de Hugo Mógliã, cujas ocasiões, em que tinha sete anos de idade, recorda que havia um motorista de caminhão da Estância chamado Virgínio, que era encarregado, por Hugo Mógliã, de buscar sua mãe em casa (mãe de Maria) pois sua mãe tocava gaita

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá

Som: voz de Rutis, ela relata que sua família ganhou o terreno de Hugo Mógliã, assim como todos os moradores da Vila que trabalhavam da charqueada. Ela conta que Sr. Hugo Mógliã estava idoso e antes de passar a charqueada a outros membros da família, doou os terrenos aos trabalhadores. Rutis fala das suas lembranças de

quando construíram a casa, com doações de tijolos do prédio da charqueada. Fala ainda que saíram do rancho de torrão para a casa de material, onde ainda vive

CENA 29

Imagem: Dona Maria Menezes de Oliveira, sentada em frente à casa

Som: voz de Dona Maria, ela conta as lembranças da Vila “Tim, tim, rim” e relata que tratava-se de uma Vila composta somente por casas de ranchos de torrão com teto de palha, recorda que havia apenas uma casa de material na época, que foi construída quando o Visconde era vivo.

CENA 31

Imagem: gato em cima do muro/corta para: moradores embaixo das árvores, rede balançando e mulher olhando para a câmera, ao seu lado está um homem sentado que olha para a câmera/corta para: mulher com vassoura na mão acomoda uma cadeira e senta ao lado de um rapaz cadeirante que está de costas

Som: entra trilha

CENA 32

Imagem: Plano sequência de homem caminhando de costas, ele entra em um corredor entre casas e atravessa o corredor, se dirigindo a parte de trás da quadra (conjunto de casas) abre um portãozinho de madeira e chega ao pátio, onde se coloca ao lado de uma bancada cheia de troféus

Som: entra trilha

CENA 33

Imagem: Paulo Sérgio Bandeira de Oliveira, sentado embaixo de uma árvore, ela relata as lembranças de sua vida, quando seu pai era “posteiro” na Estância da Luz, de propriedade da família Mógliã, que ficava perto da Vila Santa Thereza. Paulo conta quando veio morar na Estância tinha 2 anos e depois dos 7 anos, passou a estudar na Escola Ana Mógliã na Vila Santa Thereza, quando percorria uma légua à cavalo para estudar, quando definitivamente veio morar em Santa Thereza aos 12 anos, na casa da quadra, onde ainda vive. Ele traz as recordações de duas relações de trabalho com a família Mógliã e começa a falar sobre o time de Futebol Teresinha Futebol Clube, fundado em 1938, cujo campo de Futebol foi doado pela família Mógliã e era cuidado por ele, que roçava o campo com a roçadeira da Estância da Luz. Fala sobre o apoio constante da família Mógliã com os moradores de Santa Thereza. Durante sua fala, ele relata sobre as partidas de futebol, os torneios que o time participava em outras cidades e sua voz fica em off em alguns momentos, quando entra fotos do time, plano fechado de troféu, plano de jovens jogando bola no campo e passeio nos troféus que estão em cima da bancada. Ele segura um troféu e fala sobre o Teresinha Futebol Clube ter sido um time de tradição na cidade

Paulo senta do embaixo da árvore, recorda quando começou o movimento para revitalização do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, na ocasião Yerecê Mógliã e Maria Luisa Teixeira da Luz, juntas fizeram a primeira reunião comunitária na sede do Teresinha Futebol Clube

Som: voz de Paulo

CENA 27

Imagem: Rutis Reis, sentada no sofá, ela conta sobre a liderança de Yerecê na comunidade e da participação do Sr. Miezeck, que uniu-se a Dona Yerecê em prol da

capela, ela fala das lembranças de quando todos lavaram as telhas da capela juntos na comunidade e sobre as expectativas em torno da ação, naquela época

Som: voz de Rutis

CENA 33

Imagem: Paulo sentado embaixo da árvore, relata que os moradores da Vila Santa Thereza são na maioria “os antigos” filhos dos moradores que trabalharam na charqueada e que receberam terrenos e casas da família Mógia, conta que as casas são doações na forma de “usos e frutos” passando as propriedades de pai para filho. Sua voz fica em off em alguns momentos e entra imagem das casas da quadra

Som: voz de Paulo

CENA 34

Imagem: imagem aérea de drone, começa enquadrando a Capela, o Teatro e o Memorial e em movimento *tilt* faz passeio em *plongée* com escala de *plano geral*, até o limite final da Vila Santa Thereza, onde o *plano* termina *aberto* enquadrando a Vila e o céu

Som: entra trilha/voz de Maria Luisa, ela fala do desejo de concluir as novas fazes da revitalização do Centro Histórico, do sonho de concluir o Memorial, o espaço para o Centro Comunitário, o espaço para o Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras e finaliza dizendo que o trabalho é sempre inspirado no pensamento e na chama que leva o movimento, que é a “Cecê”

CENA 35

Imagem: logomarcas do patrocínio

Som: segue trilha

CENA 36

Imagem: créditos

Som: segue trilha

4.2 FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO

Roteiro e Direção:

Adriana Gonçalves Ferreira

Produção e Realização:

Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras

Projeto Inventar com a Diferença

Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Mógliã (Atualmente EMEF Ana Mógliã)

Comunidade da Vila Santa Thereza

Montagem: Marizele Garcia

Som:

Coletivo

Fotografia:

Adriana Ferreira

Eliéser Noble

Igor Montanari

Wellington Duarte

Bruna de Souza Pereira

Bruna Xavier Janzen

José Nicolas Machado

Roselmar de Souza Biurrun

Trilha Sonora:

Alexandre Rolhano

Daniel Perez

Finalização:

Paulo Renato Pinheiro

Apoio:

Museu Dom Diogo de Souza/FAT URCAMP-Acervo da Fototeca Túlio Lopes

Associação Pró Santa Thereza-Acervo Fotográfico

Estúdio Tiago Cesarino

Agradecimento Especial:

Maria Medianeira Padoin

Agradecimentos:

Cláudio Antunes Boucinha

Flávio Kieffer

Joana Gonçalves

Maria Menezes de Oliveira

Maria Luisa Teixeira da Luz

Maria Luíza Cardoso Pêgas

Carmen Barros

Paulo Sérgio Bandeira de Oliveira

Jurema Reis

Rosane Molina

Rutis Reis

Maria Alcira Valério

Idorilda Barbosa (*in memorian*)

Dora Magalhães Teixeira (*in memorian*)

José Oliveira Filho (*in memorian*)

Maria Helena Martinez (*in memorian*)

Raquel Oliveira dos Santos

Luciane Noble Iserhardt

Glênio Lacerda

Bagé/RS/Brasil/2020

5 CONCLUSÃO

Esse estudo tornou-se importante porque a falta da política de preservação do patrimônio, a ação do tempo, abandono e, principalmente, do vandalismo que vem ocorrendo através dos tempos, apagam parte da memória e identidade social de Bagé, do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, a partir da Vila Santa Thereza. Acredito que foi possível colaborar em salvaguardar a história, ou pelo menos uma representação desta, por meio da concretização desta dissertação.

A proposta foi demonstrar que o registro audiovisual, cumpriu papel fundamental na disseminação do conhecimento e no caso desse trabalho aqui apresentado, o documentário foi considerado um artefato museológico e pedagógico, a partir do processo de sua concepção, onde foi construído conjuntamente pelos moradores da vila Santa Thereza para um fim determinado - a preservação da memória do patrimônio. Considerou-se que a próprias pessoas que o protagonizam, são o patrimônio que compõem a vila Santa Thereza, sobretudo no contexto contemporâneo, que brevemente será visto como passado.

Correspondeu também a um saber sobre a economia e a cultura de um período da história de Bagé. A valorização deste espaço a partir da comunidade que vive ali, possibilitou desenvolver o sentimento de seu pertencimento como memória e identidade social para a cidade.

As imagens produzidas apresentaram possibilidades de relações sensíveis com o mundo. Foi parte importante da formação do trabalho, perceber de que modo, certas cenas vivenciadas pelo grupo, revelaram formas de engajamento e reordenação das relações entre a comunidade, o espaço e a memória.

O ato de fazer audiovisual, a construção do filmar que perpassou a didática apresentada acima, utilizou-se dos exercícios do projeto “Inventar” como um dispositivo que acionou a lembrança e capturou a memória, que ficou guardada por meio de imagens e oralidade, em formato audiovisual.

Construir o audiovisual, ser filmado, filmar o outro e depois se ver na tela, concretizou o fechamento de um ciclo, onde estar em frente à câmera, atrás dela e posteriormente como espectador do documentário pronto, provocou um sentimento de pertencimento e valorização de si mesmo entre os moradores da vila Santa Thereza. Portanto, o audiovisual cumpriu seu papel pedagógico no campo da

educação patrimonial. Aprofundou-se para além de um mero registro, transformou-se em ferramenta pedagógica do pensar o patrimônio, tanto na comunidade, quanto para além dela, ultrapassando o contexto territorial ao qual o patrimônio está inserido.

Conclui-se que o audiovisual é comparado a um cérebro humano, que tem a capacidade de registrar visualmente através do olhar e dessa forma guardar, ou seja, armazenando na memória, no caso em arquivos e formatos tecnológicos, ao mesmo tempo a tecnologia audiovisual não dispõe de lembrança. E justamente nesse ponto da pesquisa, se encontra a ligação entre o produto audiovisual com a memória humana: pois o audiovisual embora não tenha a capacidade de lembrar, ele é um dispositivo que acionou a lembrança, conduziu à memória, guardou a memória, provocou o exercício de lembrar, individual e coletivamente.

No caso, os entrevistados, ao perceber a presença da câmera, disseram: “quero contar a minha história”. Ou, ao perceber a câmera perguntaram: “vou poder contar a minha história”?

O audiovisual preservou a memória no formato digital e nas mentes entrevistadas, à medida que afirmaram seu pertencimento no âmbito do Patrimônio Cultural da Vila Santa Thereza. E no caso, ser instrumento, também de divulgação.

O ato de produzir entre os moradores, a partir de uma relação inventiva com o cotidiano, da introdução de novas narrativas e referencial artístico do cinema capaz de agir na comunidade, provocou um cenário de apropriação de si mesmo, assim como da história e emancipação como cidadão no mundo.

Concluiu-se com base nesse estudo, que a produção coletiva de um documentário é o ato de conhecer a história da Vila, assim como é o ato de conhecer suas próprias histórias, na dimensão da memória coletiva e individual.

Minhas próprias vivências como coordenadora do Centro Histórico Vila de Santa Thereza e as minhas relações de convivência com a comunidade, foram fundamentais para criar representações do passado, assentadas na percepção das outras pessoas, as quais conviveram no processo de produção desse audiovisual. Da mesma forma que o trabalho audiovisual dirigido por mim, provocou uma internalização das representações da memória histórica entre os moradores. Pois a lembrança, (HALBWACHS, 2004) é uma imagem engajada em outras imagens. As imagens foram engajadas em outras imagens, tanto em nossas mentes, quanto na montagem do audiovisual documentário.

Este trabalho juntamente de outras experiências com produção audiovisual em comunidades, como nos filmes “Fronteira” realizado em Aceguá (vencedor do Prêmio Memória e Patrimônio, na categoria patrimônio natural durante o VI Festival Internacional de Cinema da Fronteira em 2014), a experiência em Vichadero-Uruguaí, que resultou no filme “Nosotros” em 2015 (vencedor da Menção Honrosa no VII Festival Internacional de Cinema da Fronteira), demonstra que a pedagogia do projeto Inventar com a Diferença, quando praticada, resulta em uma ação educativa de preservação da memória e do patrimônio nesses locais.

Foi possível constatar que o documentário foi além da construção comunitária em sua íntegra. Também resultou num artefato museológico, pois tem seu valor como um dos lugares de memória, a partir do momento em que circula tanto em museus, arquivos e os demais patrimônios materiais da cidade ou fora dela, como registra, preserva e divulga/educa.

Quando Portelli (1997) diz que, ao transcrever, distorcemos a realidade, através da gramática e das regras de pontuação, que se diferem da intonação e do espaçamento oral, acredito que a captura em sistema audiovisual torna o registro oral mais fidedigno com uma narrativa coletiva para além de quem produz.

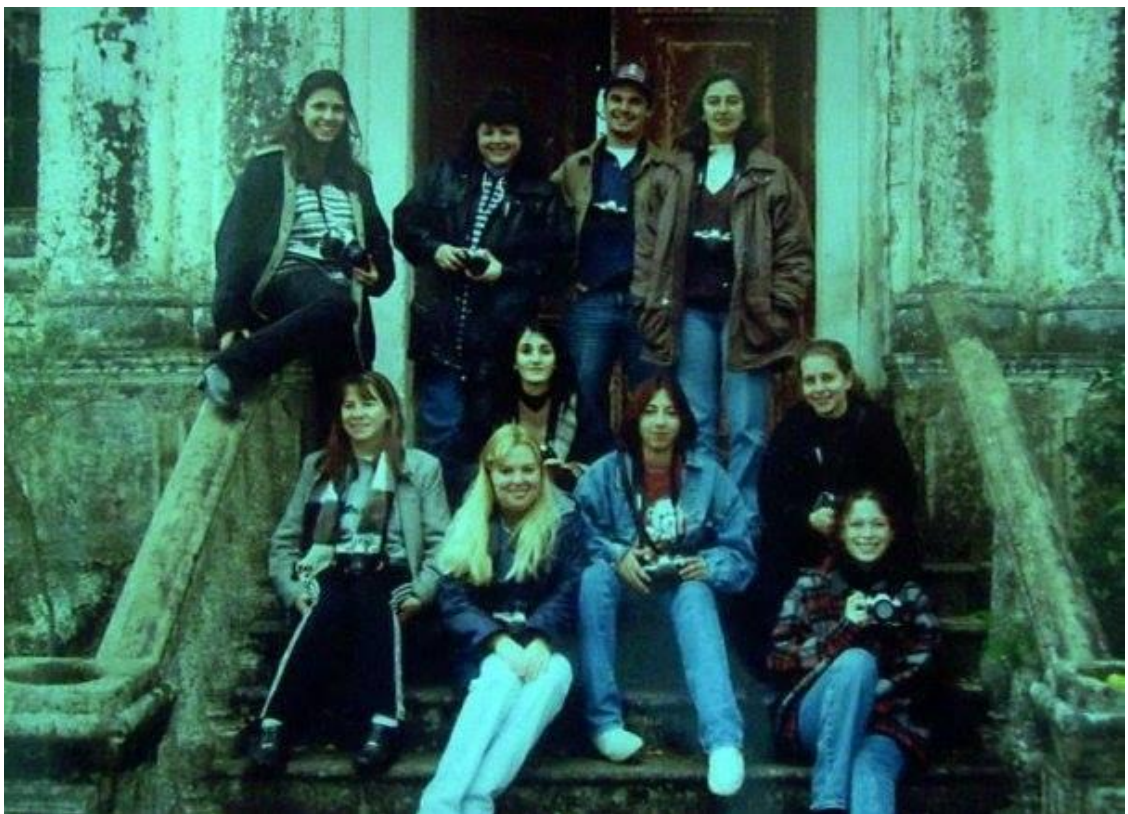
A academia na maioria das vezes (para não perdê-la muitas vezes do que a garantia da duração da mídia do registro) considera a oralidade na forma escrita, uma vez que é transcrita pelo ouvinte/entrevistador. Defendo oralidade apresentada em sistema audiovisual, pois a documenta na íntegra e salvaguarda relatos orais, quando capturados por um pesquisador, ouvinte/entrevistador.

Assim sendo, ao finalizar essa dissertação, creio que a Associação Pró Santa Thereza marcou sua presença nessa árdua e interminável luta social, que é compromisso da humanidade, a preservação do patrimônio histórico e da memória social, não somente da cidade de Bagé, mas para a história do Rio Grande do Sul e do Brasil. O ciclo econômico do charque marcou a construção de uma comunidade, com uma infraestrutura e organização singular, desde 1897 até 1960. Hoje, esse espaço se ressignificou, sendo palco de ações culturais e educativas geridas pela Associação Pró Santa Thereza, sobretudo vivendo e revivendo sua memória, a partir do importante patrimônio cultural, o Centro Histórico Vila de Santa Thereza e os moradores que habitam essa Vila. Da mesma forma, pretende-se que este audiovisual possa ser considerado tanto um instrumento de registro e divulgação, como um objeto

patrimonial da comunidade. Então a memória, deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva.

Com isso, finalizo este trabalho com a recordação de um registro de uma aula de introdução a fotografia, ministrada pela professora Maria Luiza Pêgas, cuja experiência foi vivenciada por mim no segundo semestre de 1996, ano que ingressei no curso de Comunicação Social da Universidade da Região da Campanha em Bagé. Ocasão em que conheci a Vila Santa Thereza, e a capela estava em avançado estado de depredação. As experiências que reuni desde então, resultaram na dissertação aqui apresentada.

Figura 12 - Segunda turma do curso de Comunicação Social/Urcamp em 1996, Bagé



Fonte: Acervo fotográfico de Adriana Gonçalves Ferreira, foto de Maria Luíza Pêgas, 1996. Adriana G. Ferreira é a terceira aluna, sentada da direita para esquerda, na escadaria da Capela de Santa Tereza.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, UNESP, p. 125-136, 1995.
- ARRUDA, A. C. da C. A. **Documentação audiovisual: instrumento de construção da memória da favela do Chapéu Mangueira**. 2006. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Memória Social e Documento) – Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss193.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.
- BARROS, Manoel de. **Poesias**. São Paulo: Art Editora, 1956.
- BERGALA, A. **A hipótese-cinema**. Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOUCINHA, Cláudio. **A História das Charqueadas de Bagé (1891-1940) na Literatura**. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PUC RS, 1993. Dissertação em História) – PUCRS, Porto Alegre 1993.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2006.
- DOMINGUES, P. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- FAGUNDES, E. M. de. **Inventário cultural de Bagé. Um passeio pela História**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.
- FERRAZ, B. C. B. **Difusão do patrimônio audiovisual de televisão pela internet: o caso do Instituto Nacional do Audiovisual (INA)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.
- FERREIRA, R. C. **Difusão audiovisual do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria como meio de comunicação com a sociedade**. 2015. Dissertação (Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.
- GONÇALVES, R. K. T. **Narrativas à margem: imaginário, memória e identidade na produção audiovisual da Bem-te-vídeo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- GÓMEZ FERRI, Javier. **Do patrimônio à identidade: a sociedade civil como ativadora do patrimônio na cidade de Valência**. III Encontro Nacional de

Arquitetos sobre preservação do Patrimônio Edificado, realizado em Salvador no ano de 2008. **Gazeta de Antropologia**, 2004, edição 20.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARTOG, F. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

LA CARRETTA, M. L. da C. **Cinema, memória audiovisual do mundo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-73BJW9>. Acesso em: 4 abr. 2019.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1988.

LEITE, J. F. T. **Coxilha de São Sebastião**. Bagé: FAT-URCAMP, 1997.

MAZZA LEITE, J. A. **Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2011.

MENESES, U. T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MIGLIORIN, C. **Cadernos do inventar: cinema, educação e direitos humanos**. Niterói, RJ: EDG, 2016.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo: Educ, v. 14, 1997.

REIS, J. **Apontamentos históricos e estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRA, Daniela Campos de Abreu. **A participação da sociedade civil organizada na gestão do patrimônio cultural de Ribeirão Preto: o CONPPAC/RP**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006. Artigo publicado no caderno Direito & Justiça do jornal Estado de Minas, edição de 26 set. 2011.

TEIXEIRA, E. **Na bateia do tempo**. [S.l.]:Terra de Ouro, 1992. V.2.

VARINE, H. de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012

FONTES DOCUMENTAIS

Acervo de projetos do arquiteto Flávio Kiefer

Acervo fotográfico da Associação Pró Santa Thereza

Acervo fotográfico da Fototeca Túlio Lopes do Museu Dom Diogo de Souza/FAT URCAMP- Fundação Áttila Taborda, Universidade da Região da Campanha

Acervo Fotográfico pessoal de Adriana Gonçalves Ferreira

Acervo pessoal de Diego Fagundes

Acervo Fotográfico do Arquivo da Universidade Federal Fluminense

Acervo Fotográfico pessoal de Zélia Pedra Mógliã, filha de Yerecê

BAGÉ. Lei nº 3.534, de 9 de setembro de 1999. Declara Patrimônio Histórico e Cultural do município a Igreja Santa Tereza, localizada bairro de mesma denominação. **Leis Municipais**. Bagé, 1999. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/1999/353/3534/lei-ordinaria-n-3534-1999-declara-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio-a-igreja-santa-tereza-localizada-bairro-de-mesma-denominacao>. Acesso em: 29 abr. 2020.

BAGÉ. Lei nº 3.687, de 24 de abril de 2001. Tomba como patrimônio histórico e cultural do município, no Bairro Santa Tereza, o coreto, o lago que o circunda, mais a área em torno do referido lago, num raio de 12 metros, localizados próximo à Igreja de Santa Tereza, bem como, as ruínas do sobrado que foi residência do Visconde Ribeiro de Magalhães e dá outras providências. **Leis Municipais**. Bagé, 1999. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/2001/368/3687/lei-ordinaria-n-3687-2001-tomba-como-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio-no-bairro-santa-tereza-o-coreto-o-lago-que-o-circunda-mais-a-area-em-torno-do-referido-lago-num-raio-de-12-metros-localizados-proximo-a-igreja-de-santa-tereza-bem-como-as-ruinas-do-sobrado-que-foi-residencia-do-visconde-ribeiro-de-magalhaes-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 abr. 2020.

Junta de Castelões de Cepeda, distrito do Porto, Portugal, acervo de documentos da pesquisadora Elizabeth Fagundes

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa do Estado. Lei 11.891, de 7 de janeiro de 2003. Declara bem integrante do patrimônio cultural do Estado o Complexo de Santa Thereza, no município de Bagé. **Sistema Legis**. Porto Alegre, 2003. Disponível em:

http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNoimas=334&hTexto=&Hid_IDNorma=334. Acesso em: 29 abr. 2020.

FONTES ORAIS

BARBOSA, I. [Entrevista oral presencial, filmada em 10 de fevereiro de 2009, das 15:15 às 16:20]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

BOUCINHA, C. A. [Entrevista oral presencial, filmada em 12 de dezembro de 2019, das 15:40 às 18:15]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

DELABARY, D. T. [Entrevista oral por telefone realizada em 1º de agosto de 2019, das 14h às 16h]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

KIEFFER, F. [Entrevista oral presencial, filmada em 30 de março de 2020, das 10:00 às 11:05]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

MARTINEZ, M. H. [Entrevista oral presencial, filmada em 02 de janeiro de 2008, das 10:30 às 11:45]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

MENESES, M. O. [Entrevista oral presencial, filmada em 12 de março de 2020, das 17:30 às 19h]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

OLIVEIRA DE, P. S. [Entrevista oral presencial, filmada em 11 de março de 2020, das 15h às 17h]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

OLIVEIRA F.J. [Entrevista oral presencial, filmada em 11 de fevereiro de 2009, das 14:10 às 16:15]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

PÊGAS, M. L. C. [Entrevista oral presencial, filmada em 10 de março de 2020, das 15:33 às 16:27]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

REIS, J. V. [Entrevista oral presencial, filmada em 12 de março de 2020, das 16:30 às 17h]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

REIS, R. V. [Entrevista oral presencial, filmada em 12 de março de 2020, das 14h às 16:30]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

TEIXEIRA, D. M. [Entrevista oral presencial, filmada em 17 de setembro de 2014, das 14:20 às 16:12]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

TEIXEIRA, M. A. V. [Entrevista oral presencial, filmada em 09 de julho de 2014, das 8:30 às 10:15]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.

TEIXEIRA, M. L. L. [Entrevista oral presencial, filmada em 27 de novembro de 2019, das 16:14 às 18:25]. Entrevista concedida a Adriana Gonçalves Ferreira.